

R. 17



...a Magestade El-Rei o Sr



Administrador—Henrique Dias

Escriptorio da Administracão—Rua Ivens, 41, 1.º

## Condições da assignatura

LEBOA—Anno, 2\$500; Semestre, 1\$300; Trimestre, 650.—PROVINCIAS E ILHAS—Anno, 2\$600; Semestre, 1\$400; Trimestre, 700.—HESPAÑA E AFRICA occidental e oriental—Anno, 3\$000; Semestre, 1\$500.—TODOS OS PAIZES DA UNIÃO POSTAL—Anno, fr. 17, ou lb. 0.13.7, ou mk. 13.60; Semestre, fr. 8.50, ou lb. 0.6.10, ou mk. 6.80—BRAZIL (moeda brasileira) Anno, 6\$000; Semestre, 3\$000. Numero avulso 60 réis.—Anuncios: por linha 20 réis. Anuncios illustrados; preço convencional. A assignatura é contada do 1.º de cada mez em diante, e paga adiantada. A cobrança das importancias nas provincias e fora do paiz, effectuar-se-ha por meio de saques postaes, não preferindo o assignante fazer remessa em vales do correio

# CASA AFRICANA

33, T. da Victoria, 37

CARDOSO & SANTOS



Estabelecimento que tem maior sortimento de fazendas, e vende mais barato.

## DESCONTOS PARA REVENDER

- Lãs para vestidos desde 100 réis.
- Velludos imitando seda desde 280 réis.
- Merinos pretos largos desde 240 réis.
- Armures, desenhos novos, a 300 réis.
- Sedas de côres desde 600 réis!!!
- Setins de seda de Lyon a 500 réis!!!
- Fitas de seda mil cores desde 40 réis!!
- Rendas de seda finas desde 60 réis.
- Jerseys de pura lã a 1\$000 réis.
- Flanellas de côres, 200 e 140 réis.
- Lenços de seda desde 160 réis.
- Meias altas finas a 80 réis.
- Piúgas inglezas a 60 réis.
- Peças de bons pannos brancos a 1\$400 réis.
- Bretanha de puro linho a 300 réis.
- Espartilhos francezes a 360 réis.
- Camizas bordadas a 320 réis.
- Saias de casemira a 650 réis.
- Cápuchons, malha a 1\$000 réis.

Pelucias, seda, guarnições de seda, vizites, casacos modelos e grande sortido de novidades.

# Casa Africana

T. da Victoria, 33, 35 e 37

LISBOA

# LIVRARIA MODERNA

35, Avenida da Liberdade, 37

## NOVIDADES

- DR. LUC.—La meladie de Frederic III.
- A. DAUDET.—L'immortel,
- GYP.—Pauvres pêtes femmes.
- D. KLARY.—Guide de l'amateur photographe.
- MAIZEROY.—Lalie Spring.
- CATULLE MENDES.—L'envers des feuilles,
- MAUPASSANT.—Pierre & Jean.
- RENAN.—Peuple d'Israel.

## MERCEARIA LISBONENSE

CELESTINO BALSEMÃO

110, Rua dos Retrozeiros, 112

Generos alimenticios de superior qualidade. Especialidade em chá, café, manteiga e assucar. Conservas nacionaes e estrangeiras, bolachas e fructas seccas, vinhos finos e de pasto, licores, genebra e cognac tudo por preços limitados.

## ALBINO JOSÉ BAPTISTA



# CINTRA, COLLARES

E SEUS ARREDORES

Interessante descripção e muitas estampas

Vende-se em todas as lojas do costume e nas estações do Caminho de ferro. Preço 200 réis.

## FERNANDES

TRAVESSA DE S. NICOLAU, 13, SOBRE-LOJA

# Paraizo das creanças

Estabelecimento de quinquilharia e retrozeria

## ESPECIALIDADE EM BRINQUEDOS

E ARTIGOS DE CARNAVAL

A. J. Cardoso Junior & C.<sup>ª</sup>

47 E 49 - RUA DA BITESGA - 47 E 49 LISBOA

## Fazendas pelos preços das fabricas

O proprietario do armazem inglez acaba de receber grandes saldos de fazendas, cobertores fortes a 500 réis, ditos de lã a 17000 réis, lenços de malha muito superiores a 400 réis, baetilha a 90 réis o metro, flanellas a 140 réis o metro, cortes de casemira para fato completo a 17200 e 17800 réis, e muito superior a 27000 réis e muitas mais fazendas, tudo por preços barattissimos, rendas, bordados, pannos de linho e algodão, bretanhas, riscados, espartilhos, toalhas, guardanapos, fazendas de lã, piquet baetilha, pannos de juta, cretones, e muitas mais fazendas todas pelos preços das fabricas.

# ARMAZEM INGLEZ

127, R. dos Retrozeiros, 129

LISBOA

## Propaganda homeopathica

DE

Francisco José da Costa

UM VOLUME

DO EMPIRISMO E DO PROGRESSO SCIENTIFICO EM MEDICINA

A proposito das conferencias do professor Trosseau por um racionalista doutor em Medicina, da faculdade de Paris

TRADUÇÃO LIVRE DE

FRANCISCO JOSÉ DA COSTA

Pharmaceutico pela Escola Medica de Lisboa

INDICE

- A razão porque traduzimos este livro.
- I A associação polytechnica e M. Trosseau.
- II Primeira conferencia: O bom empirismo.
- III Segunda conferencia: O mau empirismo.
- IV Experiencia e theorica.
- V Bellas Artes, Sciencia, Industria.
- VI A Medicina é uma sciencia.
- VII Responsabilidade medica.
- VIII Processos do Empirismo.
- IX Origem do Empirismo.
- X Razão do Empirismo.
- XI O Empirismo é a infancia da sciencia.
- XII Preconceito e nihilismo.
- XIII Expectação e experimentação.
- XIV Homeopathas e Homoeopathia.
- XV O Diagnostico.
- XVI Conclusão.



**Cesar A. Paiva**

Megião dentista de Suas Magestades e Altezas

Collocam-se dentes desde um até á dentura completa. Tratamento especial em estias de bôcca.

100, 1.º—Rua do Arsenal—100, 1.º

**ELYSIO SANTOS & C.<sup>A</sup>**

Convida o publico a visitar o seu estabelecimento onde encontra gran-variedade de:

Estofos—Tapetes—Oleados para chão  
Pannos para mesas—Capachos—Gal-  
rias—Cortinados—Passadeiras—Mobi-  
s estofadas—Alcatifas, etc., etc.

Tudo por preços baratissimos.

**SORTIMENTO EXTRAORDINARIO**

**Elyσιο Santos & C.<sup>a</sup>**

Rua Augusta, 91 e 93

LISBOA

**Sapataria**      **Chapelaria**

DE

**João Damasceno de Moraes Simões**

**151, Rua dos Fanqueiros, 157**

*2, Travessa da Victoria, 4*

**119, Rua dos Fanqueiros, 119**

**LISBOA**

# AO LOUVRE

**47, PRAÇA DE LUIZ DE CAMÕES, 48**

O proprietario d'este estabelecimento resolveu fazer um grande abatimento nos preços em todas as fazendas, para poder dar entrada do grande e variado sorti-mento de fazendas em todos os generos que já se acha na alfandega, para a pre-sente estação de inverno.

Peças de panno patente a 1\$800 réis.

Ditas de panno cru muito largo a 1\$500 réis.

Um grande saldo de precaes a 70 rs. o metro.

Zephires a 90 réis o metro.

Toalhas para rosto a 40 réis.

Cortes de zephires a 1\$400 réis.

Merino preto francez, largura de 1<sup>m</sup>,20 a 200 réis.

Cachemire em todas as côres a 200 réis o metro.

Cortes para vestidos com bonitas guarnições de seda a 3\$000, 4\$000, 5\$000 e 6\$000 réis.

Lenços de seda a 200 réis.

Chailles de primavera a 1\$200 réis.

Espartilhos a 240 réis.

Panno enfestado para lenços, proprio para ca-mas de casados a 200 réis o metro.

Camizas de Oxford a 750 réis.

# AO LOUVRE

**1, 3, Rua Larga de S. Roque, 5, 7**

**LISBOA**

**COMMERCIO PRINCIPAL DE LINHO**

**Especialidades**

Pannos de linho e bretanhas de todas as larguras e qualidades, pannos patentes, abretanhados, meias lonas e sarjas

Camisaria, enxovaes, bordados suissos e rendas, flanellas e malhas de lã, cortinados, colchas inglezas em relevo e francezas em crochet, cobertores de lã brancos e de côres, francezas e inglezes, mantas de viagem, atalhados para meza e rosto em todas as qualidades, chalaria, zephires e percaes, cachemires, merinos e armures pretos, meias de seda, fio de escocia, algodão, linho e de lã, lençoes e toalhas turcas, etc., e todos os artigos proprios da estação de inverno.

**AFFONSO DE BARROS & C. A**

*Sendo os preços convidativos, pedem a v. ex.ª se digne visitar o seu estabelecimento.*

**PROVINCIAS.**—Dão-se com a maxima brevidade as informações pedidas, e remetem-se as quantidades compradas, mediante prévio pagamento em valles do correio ou com a responsabilidade de pessoa idonea em Lisboa.

77, 81, Rua Augusta, 77, 81  
LISBOA  
328, Numero telephonic, 328

**J. A. PEREIRA & C. IA**

CASA ESPECIAL

**CHAPEOS**

PARA SENHORAS E CRIANÇAS

Completo sortimento de guarnições para chapéus modas e confeções.

129, R. DO OURO, 129  
LISBOA

**PHARMACIA HOMOEOPATHICA**

DE

**FRANCISCO JOSÉ DA COSTA**

Pharmaceutico pela Escola Medica de Lisboa

234, RUA AUGUSTA, 236  
LISBOA

Medicamentos homeopathicos, caixas de medicamentos e preparações homeopathicas especiaes de Francisco José da Costa, para todas os climas.

**JOÃO VICENTE DE SOUSA**

COM

**Armazem de fazendas**

De algodão, lã, linho, seda e rendas, fitas de seda, bijouterias e flores

PREÇO FIXO

25, RUA NOVA DA PALMA, 25  
LISBOA

**LIBANIO, MARTINS & C.ª**

FAZENDAS E MODAS  
ATELIER DE VESTIDOS E OUTRAS CONFEÇÕES

Rua Nova do Carmo, 80, 82 e 84  
LISBOA

**Bastos & Gonçalves**

147, Rua dos Retrozeiros, 147

Agencia de anuncios para todos os jornaes, e depositarios das Aguas das Pedras Salgadas.

**A. M. ARANHA &**  
272, RUA AUGUSTA, 274

Armazem de fazendas brancas, Camisaria  
Modas, Confeções

N'este acreditado estabelecimento encontra-se sempre um variado e bem escolhido sortimento dos artigos proprios da classe.

Encarrega-se tambem de enxovaes e petos, executados com a maxima perfeição e brevidade.

**A 200 réis o kilo**

Desde este preço para cima encontra-se publico um bem sortido de carnes frescas na rua dos Retrozeiros 155.

TALHO RECTIDÃO

GRANDIOSA COLLECÇÃO

DE

**CANDEIROS PARA PETROLIO**

Por preços excepcionaes

DEPOSITO HELIOS  
174 — Rua do Arco do Bandeira — 176



174 — Rua do Arco do Bandeira — 176

Palmatorias de nickel a gaz de petroleo, dando tanta luz como duas vellas, e fazendo de despeza um real por hora.

Proprias para quartos de cama. São completamente isemptas de cheiro ou de perigo de incendio.

Novo petroleo inexplosivel, sem cheiro e produzindo a melhor luz conhecida.

Este petroleo é completamente isempto de perigo de explosão ou incendio, por isso que não produz gaz.

Remette-se a casa do fregues

# Actualidades



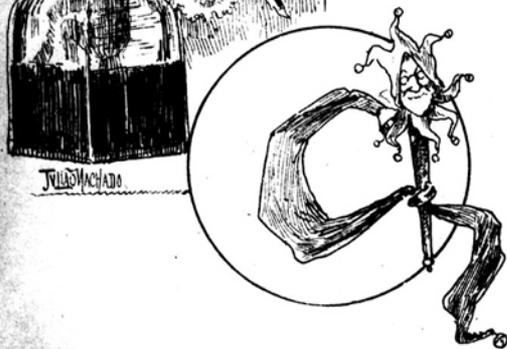
## AO LEITOR

critica, perfeitamente imparcial, sem peias e sem atrevimentos que melindrem a liberdade de cada um, na esphera d'acção que lhe pertence, a critica que não aspira á gargalhada ruidosa, nem pela insolencia do desenho, nem pelo torpe do assumpto, nem pelo desbragado da linguagem, mas a critica moralisadora e fecunda, não menos cruel, por delicada, é a que nos propomos fazer de todos os assumptos — politica, artes, sciencia, costumes — da sociedade portugueza, não só analysando o seu viver de dia a dia, mas consagrando numeros especiaes, ás suas instituições, escolas, museus, theatros, fôro, camaras; como a collectividades — os medicos, o clero, os actores, os advogados, et cœtera.

Tal é, rapidamente enunciado, o nosso programma e garantimos que elle não terá a graciosa propriedade de ser apenas amontoado de palavras, sem importancia, com os programmas politicos da nossa terra.

Ao arco! Ao arco!

A REDACÇÃO





### A provincia entristece.

Ha dois dias que os comboios lançam nos asphallos das gares, nuvens de forasteiros, de hypocondriacos, dispepticos, de gentes de maus fígados que foram procurar por praias, thermas e solidões humbrosas de quintas, a tonicidade para os corpos, debilitados n'esta vida gastadora dos grandes centros, onde tudo é falsificado e tudo se corrompe, do ar á man-teiga, da saude ao amor.

Os clubs provincianos, despertados do somno de largos mezes pelas arias encubadas das amadoras, pelo ruido das conversas, pelas recitações d'uns vates sertanejos, pelo soluçar roufenho dos piannos, pelo estremecer dos sobrados no delirio das walsas, como diziam em 33 os vates languidos, reclinam-se novamente nos braços das direcções pacatas, das capacidades locais e adormecem, na monotonia d'uma partida «á franceza,» em noites de deboche provinciano, acalentados pelas fallas mellopeicas d'um voltarete funebre.

As ribas alpestres do Atlantico, as penedias negras dos cabos escalam-se abruptas sacudidas dos ventos, envoltas em nevoas e choviscos, sem que lhes quebre as lombadas monotonas um vulto gentil de mulher, de longo chapéu de palha, encostada ao bordão ponteadado de marfim, extactica elegantemente estranha, contemplando o mar.

As estradas poeirentas dos arredores não echoam com as burricadas alegres dos pic-nics, nem os passaros assistem nos vallados ao perpassar da caravana buliçosa em que as vozes femininas lhes remedam a docura dos cantos e as gargalhadas argentinas o crystallino dos trillos.

Chegou o inverno, arrojando para longe, o azul immaculado do céu, a serenidade do ar, a limpidez das aguas, o sussurro manso das alamedas, a gemencia cadenciada dos pinhaes o idillio eterno das noites, entre a lua e o mar, que envolve mórtores e varzeas n'um velario olympico de prata.

Mas o que é peor é que elle rouba á mulher o theatro onde ella reina na graça d'uma deusa pagã, esquecida momentaneamente da vida artificial das capitaeas.

O inverno rouba-te, bella leitora, a unica moldura digna da sua belleza; a floresta múrmura, o lago dormente, o azul do ceu, o mar gigante.

E perdes ainda aquella graça incomparavel, intangivel pelo artificial, com que te vestias nos teus passeios da tarde, ou com que fresca como uma aguarella, apparecias de manhã á janella do teu chalet ponte-agudo, coberto d'ardoizas, bebendo o ar da manhã, humido de orvalhos, saturado de perfumes, pelas magnolias do parque.



Nada ha mais encantador do que uma formosa mulher na simplicidade d'uma toilette de campo, ou da praia que a suprema tolice humana não tinha transformado em succursal

da Avenida. Um vestido ligeiro, de finas ramagens, simples, sem enfeites, a moldar-se ao corpo, docemente, como luva de seda em mão patricia: o colo aberto a permittir a caricia microscopicamente irritante do ar, coado por folhagens; o cabello levantado no cucuruto, em pinha revolta, arremedando o penteado da Venus grega; o pescoço desafogado; sem um brinco nas orelhas — ridiculo vestigio selvagem; sem um anel esse traço de burguezismo commum; de pé finamente calçado, em bota de couro da Russia, flacida como um tecido, de brilho metallico, tal é a mais bella das toilettes para olhos de poeta e de artista!

Não vos riaes de mim, qaerentonas, decadentes pretenciosas de curvas de abobora carneira, de boccas desertas, labios córados pelo carmim, rugas encobertas pela glicerina empastada em pó d'arroz carminado. Não é para vós que eu fallo n'este momento. Tereis o vossa hora, muitas vezes, quando percorrermos o vasto labyrintho da vaidade e da tolice humana. Esperae.

Refiro-me a vós, gentis leitoras, que caminhaes ainda na alameda sussurrante dos 20 annos que usaes os vossos dentes, os vossos cabelos, a vossa côr, e as vossas formas a quem os annos apenas aperfeicoaram, imprimindo-lhe a correcção das linhas e essa tonicidade orgulhosa dos corpos virgens e das petalas.

Imagine-se uma d'estas bellas figuras, sentada, natural, despreocupadamente, n'um banco rustico, á sombra d'uma velha arvore, rodeada de plantas floridas, de cantos d'aves, n'uma luz suave, n'aquelle quasi silencio d'um parque anno-so, onde apenas conversam roucamente as cômas das arvores; veja-se meia deitada na praia, no vasto tapete brilhante do areal dourado, defendida da luz crúa por um guarda sol ligeiro, azul mar, onde voam cegonhas brancas como flocos de setim levados do vento; imagine-se entregue ao exercicio dos jogos onde toda a graça dos movimentos, toda a voluptuosidade das linhas, todo o serpentino das ondulações, se reveste d'uma atmosphaera luminosa de desejos e dizei-me se não são estas aguarellas fugidias, estes Watteau inconscientes, que a nossa imaginação nos pinta, por largas horas, na volta, no nosso gabinete, na pacatez desolada da nossa rua e do nosso bairro.

E' este o segredo dos amores do verão.

Os homens esquecem no seio da natureza, a vida artificial da cidade, e como bons animaes sentem-se-lhe escaivos e entram nas suas leis. Como a lei suprema da natureza é o amor amam-se.

Assim o campo entristece; o bando ligeiro das andorinhas friorentas busca o beiral tepido do lar. Ellas chegam aos grupos todos os dias e começam a percorrer a rua do Ouro, o Chiado e a Avenida.

Mas como veem mudadas: essas que comprimentam gravemente pelas portinholas dos coupés, desfiguradas por chapéus inverosimeis, não são decerto, aquellas deliciosas companheiras dos pic-nics, as parceiras do croquet, os pares affectuosamente distinctos do cotillon. As outras eram mulheres, pela graça, pelo encanto, pelo modo, pela urbanidade simples que não exclue a fidalga delicadeza: estas são apenas, umas bonecas cuidadosamente vestidas em frente dos espelhos onde estudaram posições, risos, cumprimentos graves, gestos altivos.

Estes são os productos enfezados d'uma educação cheia de insignificancias, de conveniencias, de superioridades ridiculas.

Mulheres artificiaes, para serem vistas á luz do gaz n'um camarote da opera, ou na atmosphaera quente dos bailes, onde tudo é artificioso e falso: a conversa, o elogio, o amor!

Ao contrario do campo a cidade alegra-se porque o que mais vivamente impressiona o nosso espirito, nas mulheres bellas, não são os defeitos nem os ridiculos: superior a todas as pequenas miserias e vaidades humanas, em toda a parte, o que n'ellas brilha, o que deslumbra, o que vence é a mocidade e a belleza! a mocidade—o poema da vida; a belleza—o perfume da carne.

Bem vindas, pois, adoraveis defeituosas.



Notou-se, com certo espanto, a não comparencia do ministerio na Batalha das Flores, na Ericeira. Realmente desde que esta corporação tão sollicita em desenvolver todos os graves problemas do bem publico, leva a sua influencia protectora até animar, em pessoa, a pandega ouctomnal, dos veranistas como graciosamente o demonstrou batalhando em Cintra, nos Pisões, tão galharda como briosamente, não se comprehende como esquecesse de honrar a formosa Ericeira, tanto mais que ella, não havia muito, se illuminara e embandeirara, para receber um dos seus mais conspicios membros! Um copo d'agua!

Demos a mão ao ministerio.

Bella Ericeira. Não foi por desconsiderar-te que o ministerio não appareceu. De modo algum. As faculdades ministeriaes estão n'este momento empenhadas na solução da crise mais grave que o paiz ira, por ventura, atravessar. Em França a canção do general Boulanger, por uma d'estas derivações naturaes que cahem no espirito publico, como revellações, descahiu na canção da fome, canção, nota, de padaria, porque o povo grita cantando — queremos pão.

Em Portugal, desde que o governo pensou, sublime idéa, em transformar o paiz n'um unico e grande monopolio, isto é, em se fazer elle governo a caixa de todas as nossas necessidades (sem malicia), o povo que não gritou quando foi instituida a regie — queremos cigarros — parece resolvido a gritar — queremos pão — agora que vão mecher n'este artigo, tão preciso, que até não pôde haver «Padre nosso» sem elle.

Esta questão já de si não tinha somenos importancia; mas eis que o espirito popular, irritado, repara no abandono da praça do Campo de Sant'Anna, evoca a idéa das ruidosas esperas, dos campinos, das chocas, dos quarteios dos Robertos, d'essas tardes alegres do sol de julho, nas bancadas da praça, entre as palpações dos leques, o rumor dos pregoeiros, as pragas do sol, as ovações da sombra, as «tiras» de Tinoco, os saltos de Leothard e percebendo que não só de pão vive o homem, mas d'uma tourada real, desanda a gritar — queremos touros —!



Pão e touros! Hein, que te parece?

Conheces na historia da Hespanha, os seus pronuncia-mentos repetidos, os fuzilamentos, as prizaões, o garrote, os exilios, toda essa tragedia diaria do povo hespanhol? Sabes quem lançou pelo mundo aquelles emigrados? quem garrotou aquelles plebeus? quem fuzilou aquelles soldados? aquelles generaes?

O' Ericeira despeitada, apenas esta simples fraze, este pequeno desejo essencial — pão e touros!

Suppõe agora que este grito se reproduz aqui, que amanhã o governo tem de reprimir uma revolução, de mandar para o exilio quatro padeiros e oito capinhas, que mette em S. Julião tres ou quatro redactores de jornaes republicanos, que se vê na colisão de mandar fuzilar dois sargentos e um general? Que dirá a Europa? que dirá o Mundo? que dirá o *Diario de Noticias*?

Já vês que a occasião não é propicia. Outros combates mais serios, combates de espinhos e não de flores, fazem curvar a fronte meditativa do supremo tribunal dos nossos destinos.

E depois, o ministerio não ha de andar agora a abandonar-se por todas as terras a combater! Perde a graça a novidade, torna-se muito visto e nós precisamos d'ellé para o entruado d'este anno, para a batalha da Avenida!

Postas estas razões que justificam plenamente o ministerio, façamos votos para que depois de conciliar a concumitante repleção das bolsas amigas com a do abdomen popular, resolva definitivamente o local para a praça dos touros.

E sobre este ponto, para que não vá este local, ser um novo local para o edificio do Correio, por isso que já se discute se o preferido deve ser — a cêrca dos Jeronymos, um cumulo! — a Junqueira ou o Campo Pequeno, eu tomo a liberdade de lembrar — o claustro de S. Bento! — Central, tem carros americanos até ao arco e superior a todas estas vantagens — a tradição!

Eu sei que se pôde objectar que a Camara, pôde ser prejudicada na sua gravidade por tal visinhança e que pôde ainda haver graves embaraços parlamentares por tal proximidade.

Assim, pôde acontecer, que na occasião em que um partidario exaltado pela bellica oração d'um amigo, que acabe de achatar o adversario, vá a romper n'um apoiado! apoiado! — por suggestão local em identidade de fins de combate, exclame heroico: curtos! curtos!

Ou que o presidente ao vêr toda a quadrilha a postos, as senhoras nos camarotes da sombra, o povo nas bancadas do sol, em vez de levar a mão ao chapéu para, tirando-o gravemente, exclamar — está aberta a sessão — ainda pelas mesmas influencias, leve a mão aos labios e virando-se para o primeiro orador inscripto, lhe sobre pela arcada do C formado pelo dedo pollegar e o indicador o tati-tátá, que traduzido em vulgar significa — saia o bicho!

Eu sei mas a verdade é que se tem pôr lá feito coisas peores e... ninguém faz caso de ninharias.

O sr. Marianno a rir-se...





**Cabelinho na venta.** Ha de bravar a vida que a primeira vez que desatencionei a mim mesma a noite... com cores, com a minha vida... não domo... e estas... indolência! Que hoje... a vida a apressa... de barra a vida a apressa... filha e o marido! Ah! o senhor está um pouco...  
**Uma menina Ermengarda alta, gorda e pelta avismada;** os cabelos e os olhos negros como o veludo negro. Não walk; contradicções apenas e poucas vezes.  
 E ali, nas marcas isoladas que ella sah fazer sobre a graca alva e temperado de intensa doçura, a luz do olhar, humido, incomparavel. E' quando toda a vida não teria feito metade das conquistas que ella fez, em uma noite, se quizesse não quer; o homem faz-lhe o effeito, em geral, d'um pretensoiro raiado, instinctivo.

**De Azevedo**  
 A deliciosa Lili, filha do moço do primo e a delicia de todos que se chamam uma senhora de nobre bruto. Um amigo meu, medico, não me esqueça de mulher e amiguinho matreza a produzissima d'um impresso de mil demoras!

**De Azevedo**  
 A deliciosa Lili, filha do moço do primo e a delicia de todos que se chamam uma senhora de nobre bruto. Um amigo meu, medico, não me esqueça de mulher e amiguinho matreza a produzissima d'um impresso de mil demoras!

**De Azevedo**  
 A deliciosa Lili, filha do moço do primo e a delicia de todos que se chamam uma senhora de nobre bruto. Um amigo meu, medico, não me esqueça de mulher e amiguinho matreza a produzissima d'um impresso de mil demoras!

**De Azevedo**  
 A deliciosa Lili, filha do moço do primo e a delicia de todos que se chamam uma senhora de nobre bruto. Um amigo meu, medico, não me esqueça de mulher e amiguinho matreza a produzissima d'um impresso de mil demoras!

**De Azevedo**  
 A deliciosa Lili, filha do moço do primo e a delicia de todos que se chamam uma senhora de nobre bruto. Um amigo meu, medico, não me esqueça de mulher e amiguinho matreza a produzissima d'um impresso de mil demoras!

**De Azevedo**  
 A deliciosa Lili, filha do moço do primo e a delicia de todos que se chamam uma senhora de nobre bruto. Um amigo meu, medico, não me esqueça de mulher e amiguinho matreza a produzissima d'um impresso de mil demoras!



O medico conseguiu dois mares de folga... entragos a ao mar!  
 Quando ella entra, as ondas turgen-se e o nivel da agua sobe. Foi para emgrecer!  
 O marido revê-se n'aquella fatura; os dandys cochicham; as galvoas assustam-se, e, ao longe, os cetaceos parecem comprimentar... como a cauda.  
 Dizem que foi muito elegante aos 20 annos!  
 Que pena!

Toda romântica! O oceano atirabe-a como um perigo! Desejaria morrer thasico, como a Giulietta? ou no mar, no infinito do oceano, por um por do sol, ao lado de azul de Prussia e de verdechão, nos braços das serenas que a embalsassem em cantos placentes.  
 Filha d'um aristocrata, tocando com principes louros, ou morre realmeiro thasico ou morre no hospital d'idiotas.  
 Que sortidinha deitna!

— Então hein? estes saquece que vão sosinhos. Tenho de dormir por força!

**De Azevedo**  
 A deliciosa Lili, filha do moço do primo e a delicia de todos que se chamam uma senhora de nobre bruto. Um amigo meu, medico, não me esqueça de mulher e amiguinho matreza a produzissima d'um impresso de mil demoras!

**De Azevedo**  
 A deliciosa Lili, filha do moço do primo e a delicia de todos que se chamam uma senhora de nobre bruto. Um amigo meu, medico, não me esqueça de mulher e amiguinho matreza a produzissima d'um impresso de mil demoras!

**De Azevedo**  
 A deliciosa Lili, filha do moço do primo e a delicia de todos que se chamam uma senhora de nobre bruto. Um amigo meu, medico, não me esqueça de mulher e amiguinho matreza a produzissima d'um impresso de mil demoras!



A morte do marechal Bazaine não produziu em Portugal um ruído comparavel ao da passagem pelo Central do louro Boulanger. Alguns jornaes monarchicos, porém, tributaram á memoria do marechal palavras de respeitosa saudade. Tanto bastou para que outros protestassem indignados, cuspidos sobre o tuinulo do soldado que se fez marechal, nos campos de batalha, antigas responsabilidades rancorosas, improvas e improváveis.

E lembrou-me, com pena, a attitudo protectora da imprensa radical perante a apothese do Marquez de Pombal. Acompanhou os propagandistas da manifestação civica, encorporou-se no cortejo, provavelmente reconhecendo-o grande liberal, patriota, democrata austero e muitas coisas mais. Ora este vulto sinistro nasceu Sebastião José, muito simplesmente e morreu Conde de Oeiras e Marquez de Pombal! Tem portanto a linha para o reconhecimento dos democratas.

A imprensa que apoiou a apothese d'um cobarde que caçava homens a fogo; d'um selvagem que mandava quebrar deante das mãs as canas das pernas e dos braços aos filhos, regeita umas palavras de dó ao bravo do Mexico, de Sebastopol e de Solferimo, porque uma nação orgulhosa e vencida escondeu atraz da personalidade do homem, o resultado forçado da sua volubilidade e da sua irreflexão.

Bazaine teria obstado á marcha triumphal, ininterrupta do colosso allemão? O sacrificio inutil não será uma barbaridade revoltante? Não são superiores a todas as leis, as leis da humanidade?

Deixemos que a França queira esconder a sua vergonha; finjamos a credital-a. Todos os orgulhosos vencidos teem fatalmente uma desculpa. Demais conhecemos o cavalheirismo francez, na guerra; ha por ahi ainda vestigios de ha setenta annos!

Caros collegas, pôde amar-se a republica sem se ser injusto com os homens do imperio; a justica deve ser a formula positiva de todos os espiritos nobres. Deixai correr os annos, e pensai, no entanto, que um bastão de marechal em França, faz sua differença d'um habito de Christo em Portugal.

Olhem que faz.



Qual imaginam v.<sup>as</sup> ex.<sup>as</sup> que foi o processo empregado para fazer sahir d'uma caza na calçada do Duque, expropriada para as obras do caminho de ferro uma pobre velha, que não tinha onde dormir?

Ouçamos um collega: «Recorreu-se á estremidade de arrancar o telhado mas ainda assim a velhita não cedeu, deixando-se estar ao frio; e ainda mais resistiria se a chuva do dia e noite d'hontem lhe não inundasse a caza e alagasse a pobresita que tiritava de frio, chorando a sua sorte».

Este caso deu-se em Lisboa, no anno de graça de 88, cidade catholica, apostolica, romana! Ouçamos Jacolliot nas «Viagens ao centro da Africa mysteriosa»:

«O regulo, mandou-lhe dar (ao forasteiro, desconhecido, estrangeiro) uma cabana para dormir, uma taça de madeira com farinha e um jarro de aguardente. Ao outro dia, trocando o sangue, mandou-o acompanhar ao limite do seu reino por dois guias.»

Oh! atraz da Africa, muito atraz! Lá ao menos em que não ha o luxo d'um codigo, nem caridade espaventosa, nem prosapias de civilisação, arranja-se um tecto para um hospede; aqui destelham-se as choupanas dos miseraveis, expulsando-os pelo processo engenhoso e vulgar de apanhar grillos, chovendo-lhe no buraco! O que não inventará o espirito meridional da auctoridade alfacinha!



Um sapateiro da rua de S. Bento, ao tomar a medida d'umas botas a uma fregueza, ao encontrar-se na posição humilde que o caso requer — joelho em terra e fita em punho — cre-se que allucinado pelo modelo, prorompeu n'aquellas frases celebres de Tartufo: Como se irabalha bem! fazem-se coisas que parecem bruxaria! A fregueza que peia elevação da fita metrica, desconfiou que elle lhe queria fazer umas botas á Frederico, o que equivalia a mettel-a em cavallarias altas, gritou pela policia.

O sapateiro foi preso. Este facto prova duas coisas. A primeira é que nenhum sapateiro pôde elevar-se, nos arrebamentos plasticos, á altura do maganão Eduardo de Inglaterra e exclaimar perante a policia como o outro perante os convidados — Hony soit qui mal y pense! A segunda é que nenhuma mulher honesta deve descuidadamente, entregar em mãos d'homens, os segredos do seu corpo, sancionando assim esse grosseirismo repugnante, com que entre nós se tolera que uma senhora converse com qualquer farçola de pópas e thesoura na algeibra do peito, sobre medidas e conveniencias de roupas e utensilios de vestuario.

Se um camizeiro se lembrasse, ahi, de montar um estabelecimento em que mulheres tomassem medidas e fizessem a prova das vestes masculinas é natural que além do escandalo suscitado, sua ex.<sup>a</sup> o governador civil se lembrasse de fazer um regulamento para as camizeiras, de harmonia com o que se acha em execução para as «camareras.» Requeria-lh'o o pudor, o bom nome nacional perante a raça latina!

Pois bem; dá-se a inversa, igualmente escandalosa e imoral e ninguém repara; todos acham natural e apenas espantam no dia em que um mestre-bucha, perdida a noção do justo e do bom, que elle nunca ouviu explicar no Curso Superior de letras, atira para o lado o avental de coiro e pretende fazer que uma pobre e incauta rapariga atire as suas bovelhas por cima dos moinhos. Será bom que os senhores pateiros tenham sempre de reserva, na loja, umas pedrinhas de gelo!



A ultima hora surge-nos a questão da carne. Assim como, segundo o dictado, todos os caminhos vão dar a Roma, a camara municipal entendeu que todos os caminhos, para animaes do consumo, devem ir parar ao mercado do Campo Pequeno.

Esta maneira original de fazer posturas pelos dictados populares, não nos parece nem a mais justa nem a mais sensata, sobre tudo relativamente á carne, substancia que sob qualquer das fórmias em que se appresente — humana, bovina, suína, ou qualquer outra, póde dar origem a graves questões.

A carne, dizem os phisiologistas, ser o mais proprio, o mais conveniente, o mais alimentar dos alimentos, quando quer simplesmente transformada em meio biffe, quer suja ás modificações de aspecto e de gosto que possam, admirar-lhe os vastos recursos da chimica culinaria.

A carne, dizem os theologos, é um dos inimigos do homem, senão o mais terrivel, digno, no entanto, de figurar ao lado do Mundo e do Diabo.

Pela companhia devemos concluir que não é boa rolha. E sendo estas as prerogativas que se conhecem da carne, vamos, por attenção a qual d'ellas se explica a postura carnicaria.

Para ser realmente um bom alimento a carne, diz a camara, é preciso que seja são o animal d'onde provenha. Quando a saude dos nossos municípes assumpto do nosso particular disvello, queremos que seja examinada previamente. De accordo; mas a carne já era examinada no matadouro e era bem examinada ou mal examinada.

Se era bem, não é preciso mudar; se era mal, a camara tem uma grave responsabilidade, até hoje. Mas era bem; e, nesse caso, deixemos continuar a inspecção onde existia, que nós proferimos saber que o kilogramma custou meos 40 réis, do que saber que o boi morto, passou sob a curva do mercado obrigatorio.

Sim porque parece-me que isso não dá gosto á carne.

Não foi, pois, pela opinião, já d'antes acatada, dos phisiologistas que a camara se inclinou. A carne já era inspecionada, os bois não requereram, que se saiba, contra o logar da inspecção.

Foi então pela opinião dos theologos? Foi porque a camara em vez de consultar a bolsa publica, consultou o cathicismo?

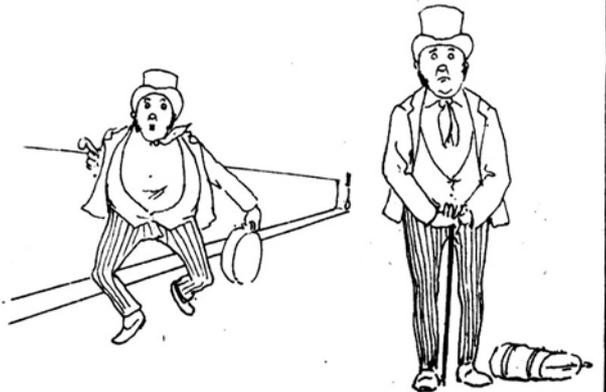
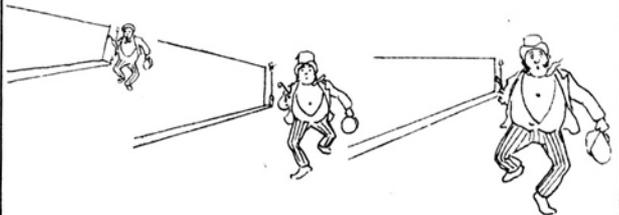
Se foi, permita-nos a camara que lhe digamos duas palavras. Livre-nos dos cães vadios, das calçadas pedregosas, das viellas lobregas da cidade, d'uma illuminação vergonhosa, das poeiras do verão, dos lamações immundos do inverno, que já d'este inimigo nos livraremos nós.

Um inimigo que está pendurado em ganchos ahi pelos talhos, e que em luca com o nosso appetite, termina sempre por ser engulido, deixe lá fallar os theologos, não se incomode V. Ex.<sup>a</sup>, fraco inimigo é. Aquillo de o metterem entre o Mundo e o Diabo é symbolico: é como quem diz entre o garfo e a faca. Os theologos são sempre assim: ... cada palavra!

São como os bombos: muito barulho, uma imponencia e lá dentro... óccos.

Faça V. Ex.<sup>a</sup> que o Inimigo nos saia mais baratinho, como é seu dever, e deixem-se de o fazer passar por baixo da cupula. — Vem de lá com ares de sabio do Instituto de França; nós preferimol-o bruto da leziria, com menos 40 réis em kilogramma.

E' opinião geral: a camara não tem argumento nenhum serio que justifique a postura e tem de modificá-la.





Nas manobras, durante o ataque.  
Um coronel ao passar por uma azinhaga encontra quatro soldados, deitados á sombra d'uma oliveira, dormindo como justos.

— Eh! rapazes, o que fazem vocês ahí?  
— Meu coronel, saberá vossôria que estamos a fingir de mortos!

Narra-nos um amigo o seguinte episodio das ultimas manobras:

—Um velho general acerca-se do cavallo. Um ajudante traz uma cadeira, a que o mesmo general sobe. Dois soldados levantam-lhe as pernas; outros dois o empurram e susteem na sella. Emfim, ficou montado.

Um soldado assistente para o outro:

—Lá vai o balão ao ar! (textual).

Deu-nos rebate cá dentro o caso. Matutámos e resolvemos offerer ao sr. ministro da guerra o desenho d'um cavallo equipado com todos os pertences para general portuguez. Dispensa ajudas e tornar-se-ha mais commodo do que o cavallo de Troia.

Quando se reformarão os verdadeiros inúteis os impotentes e se crearão as promoções pelo merito?  
Não seria possível?



## FOGOS FÁTUOS

Diccionario.

Accender — «Accender a luz» como diz toda a gente. Po que se não dirá «molhar a agua?»

Defunto —Um anjo, uma perola, uma phenix... contanto que não renasça das cinzas.

Opinião —«Ser d'opinião de fulano», isto é, pensar como fulano, quando elle pensa como nós.

Manteiga —Uma coisa que tambem se faz com leite.

Bayoneta —Uma ingénua de que ri o sr. Krupp.

Cretino —Um imbecil que alcançou os seus fins.

Em politica como em amôr, a primeira concessão arrasta a queda do poder.

O rei e o marido que fazem concessões são soberanos que abdicam.

O amôr é a maior das invenções que a antiguidade não legou.

*A. Hussaye.*

As mulheres que amam, perdoam mais facilmente as grandes indiscripções que as pequenas infidelidades.

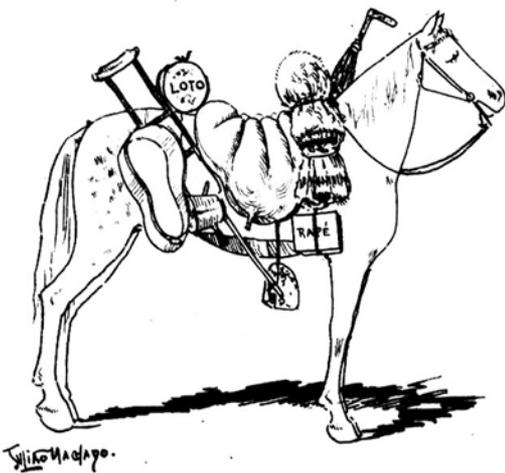
*La Rochefoocauld.*

Um marido é sempre um homem de espirito; nunca pensa em casar-se.

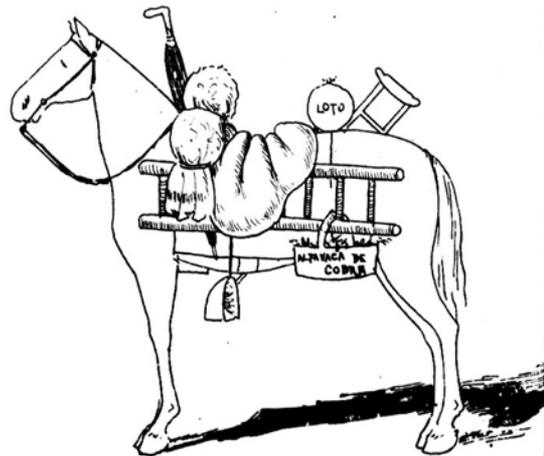
*A. Dumas.*

O grande merito de muitos maridos é a mulher.

*Poncelot.*



*J. V. Machado.*



*J. V. Machado.*

cavallo equipado com todos os pertences para general portuguez.



Administrador --- Henrique Dias

Escritorio da Administração — Rua Ivens, 41, 1.º

## Condições da assignatura

LISBOA — Anno, 2\$500; Semestre, 1\$300; Trimestre, 650. — PROVINCIAS E ILHAS — Anno, 2\$600; Semestre, 1\$400; Trimestre, 700. — HESPAÑA E AFRICA occidental e oriental — Anno, 3\$000; Semestre, 1\$500. — TODOS OS PAIZES DA UNIÃO POSTAL — Anno, fr. 17, ou lb. 0.13.7, ou mk. 13.60; Semestre, fr. 8,50, ou lb. 0.6.10, ou mk. 6,80 — BRAZIL (moeda brasileira) Anno, 6\$000; Semestre, 3\$000.

Numero avulso 60 réis. — Anuncios: por linha 20 réis. Anuncios illustrados; preço convencional. A assignatura é contada do 1.º de cada mez em diante, e paga adiantada. A cobrança das importancias das assignaturas nas provincias e fóra do paiz, effectuar-se-ha por meio de saques postaes, não preferindo o assignante fazer remessa em vales do correio

**Bastos & Gonçalves**

147, Rua dos Retrozeiros, 147

Agencia de annuncios para todos os jornaes, e depositarios das Aguas das Pedras Salgadas.

**PERFUMARIA INGLEZA**

101, Praça de D. Pedro, 101

LISBOA

Recebeu bom sortimento de extractos para os lenços, boa agua de colonia, pó d'arroz fino, veloutine, sabonetes, elixir e pós para dentes e outros especificos de perfumaria muito finos.

**NUNES & FERNANDES**

ARMAZEM DE FAZENDAS

116—Rua da Prata—118

28—T. de S. Nicolau—32

Os proprietarios d'este estabelecimento participam aos seus freguezes e ao publico lisbonense que acabam de receber um grande sortimento de fazendas para a presente estação, e que vendem por preços limitadissimos, esperando portanto que não deixarão de honrar esta casa com a sua amavel visita.

**AFFONSO DE BARROS & C.<sup>A</sup>**

77 a 81—RUA AUGUSTA—77 a 81

LISBOA

Commercio principal de linhos

FAZENDAS BRANCAS  
CAMISARIA E ENXOVAES

Tendo recebido ós artigos de lã, que mais se recommendam na presente estação, pedem o favor de visitarem o seu estabelecimento e de os honrarem com os seus pedidos.

**ELYSIO SANTOS & C.<sup>A</sup>**

Convida o publico a visitar o seu estabelecimento onde encontra grande variedade de:

Estofos—Tapetes—Oleados para chão—Pannos para mesas—Capachos—Galerias—Cortinados—Passadeiras—Móbi-lis estofadas—Alcatifas, etc., etc.

Tudo por preços baratissimos.

**SORTIMENTO EXTRAORDINARIO**

**Elysio Santos & C.<sup>A</sup>**

Rua Augusta, 91 e 93

LISBOA

**Pelo systema antigo**

Sesta-feira, 19, com todos os premios em sorteio! São 1:493 premios, sendo o premio principal de 25000000 réis. Grande sorteio e palpito na casa de

Antonio Ignacio da Fonseca

**Propaganda homeopathica**

DE

**Francisco José da Costa**

UM VOLUME

DO EMPIRISMO E DO PROGRESSO SCIENTIFICO EM MEDICINA

A proposito das conferencias do professor Trosseau por um racionalista doutor em Medicina, da faculdade de Paris

TRADUÇÃO LIVRE DE

**FRANCISCO JOSÉ DA COSTA**

Pharmaceutico pela Escola Medica de Lisboa

INDICE

A razão porque traduzimos este livro.

I A associação polytechnica e M. Trosseau.

II *Primeira conferencia:* O bom empirismo.

III *Segunda conferencia:* O mau empirismo.

IV Experiencia e theoría.

V Bellas Artes, Sciencia, Industria.

VI A Medicina é uma sciencia.

VII Responsabilidade medica.

VIII Processos do Empirismo.

IX Origen do Empirismo.

X Razão do Empirismo.

XI O Empirismo é a infancia da sciencia.

XII Preconceito e nihilismo.

XIII Expectação e experimentação.

XIV Homeopaths e Homœopathia.

XV O Dogmatismo.

XVI Conclusão.

**ALBINO JOSÉ BAPTISTA**



**MERCEARIA LISBONENSE**

CELESTINO BALSEMÃO

140, Rua dos Retrozeiros, 142

Generos alimenticios de superior qualidade. Especialidade em chá, café, manteiga e assucar. Conservas nacionaes e estrangeiras, bolachas e fructas seccas, vinhos finos e de pasto, licores, genebra e cognac tudo por preços limitados.

**COFRES A PROVA DE FOGO**

Nacionaes e estrangeiros, dos fabricantes mais acreditados, e caixas para joias

**Lopes & Araujo**

Travessa d'Assumpção, 71 a 77

Defronte do Café Montanha

LISBOA

**TRENS**

Vendem-se de diferente modelos, novos e usados com varaes e lança, assim como arrieiros de parelha e cavallo só. Travessa do Poço dos Negros, 12 e 14 se diz.

**Fazendas pelos preços das fabricas**

O proprietario do armazem inglez acaba de receber grandes saldos de fazendas, cobertores fortes a 500 réis, ditos de lã a 17000 réis, lenços de malha muito superiores a 400 réis, baetilha a 90 réis o metro, flannels a 140 réis o metro, cortes de camemira para fato completo a 17200 e 17800 réis, e muito superior a 27000 réis e muitas mais fazendas, tudo por preços baratissimos, rendas, bordados, pannos de linho e algodão, bretanhas, riscados, espartilhos, toalhas, guardanapos, fazendas de lã, piquet baetilha, pannos de juta, cretones, e muitas mais fazendas todas pelos preços das fabricas.

**ARMAZEM INGLEZ**

127, R. dos Retrozeiros, 129

LISBOA

**LIVRARIA MODERNA**

35, Avenida da Liberdade, 37

NOVIDADES

DR. LUC.—La melodie de Frederic III.

A. DAUDET.—L'immortel.

GYP.—Pauvres petites femmes.

D. KLARY.—Guide de l'amateur photographe.

MAIZEROY.—Lalie Spring.

CATULLE MENDES.—L'envers de feuilles.

MAUPASSANT.—Pierre & Jean.

RENAN.—Peuple d'Israel.

**Paraizo das creanças**

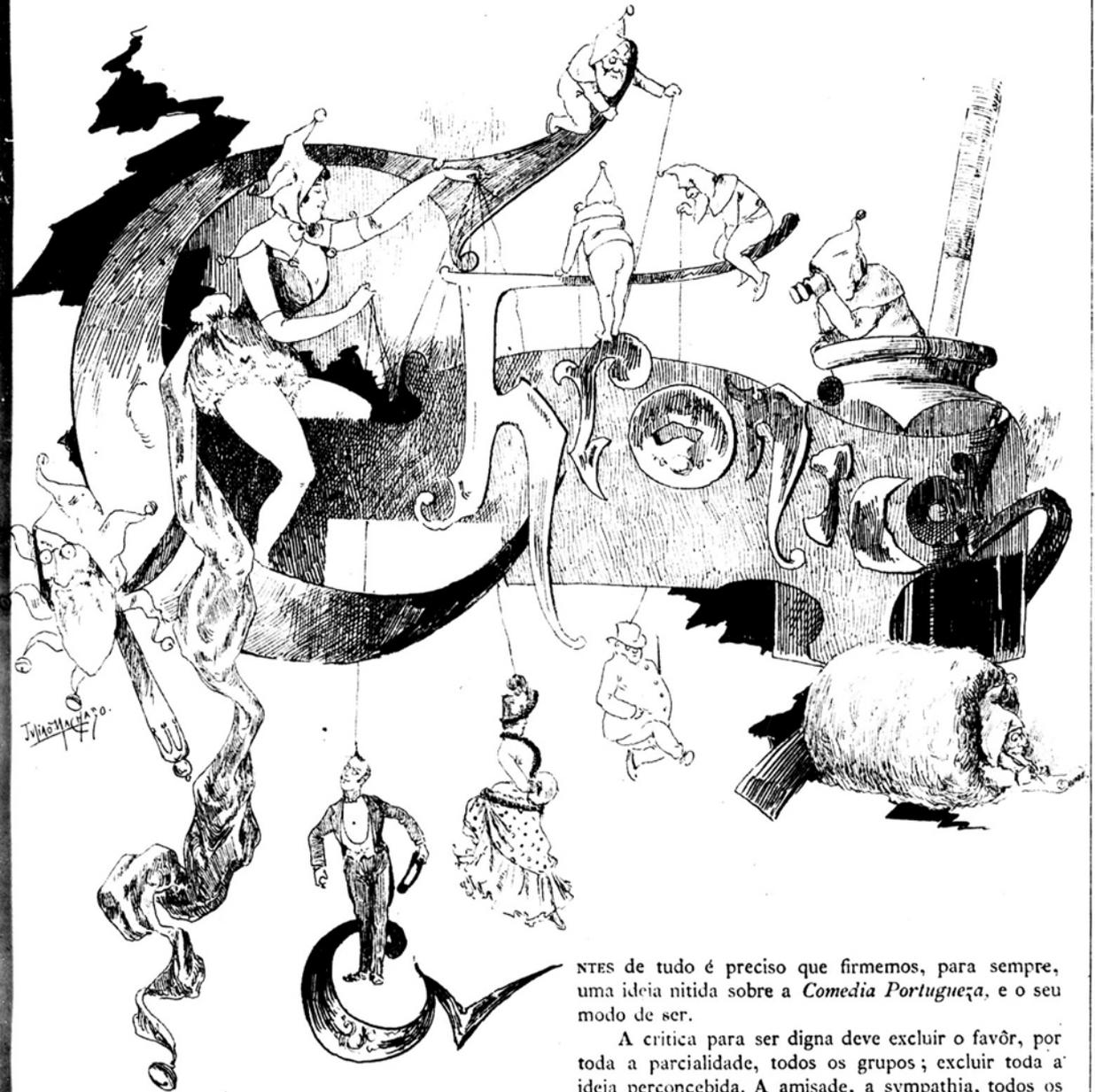
Estabelecimento de quinquilharia e retrozeria

**ESPECIALIDADE EM BRINQUEDOS**

E ARTIGOS DE CARNAVAL

**A. J. Cardoso Junior & C.<sup>A</sup>**

47 E 49—RUA DA BITESGA—LISBOA



NTEs de tudo é preciso que firmemos, para sempre, uma ideia nitida sobre a *Comedia Portugueza*, e o seu modo de ser.

A critica para ser digna deve excluir o favôr, por toda a parcialidade, todos os grupos; excluir toda a ideia perconcebida. A amizade, a sympathia, todos os sentimentos affectuosos quer existam radicados na vida privada, quer derivem da convivencia publica, do colleguismo, da sociabilidade, da camaradagem, devem desaparecer perante o exame cavalheiroso que a *Comedia Portugueza* tenta, fazer, d'uma instituição, d'uma ideia, d'um partido, ou d'um acto publico.

Ninguém veja, pois, no nosso jornal, a intenção de ferir de preferencia, taes homens ou taes ideias. Em toda a parte existem defeitos; no seio das opiniões que professamos, no meio social em que vivêmos, nos actos dos nossos amigos mais caros, nos nossos proprios actos.

Em toda a parte. Levar ahi a analyse não é atacar os homens, é criticar ideias. A vida publica pertence-nos de direito; a vida privada não a criticaremos senão genericamente, como um vicio collectivo, de responsabilidade geral, como defeito commum, que vem das escolas, ou da falta d'ellas, ou da tradição, ou do prejuizo, ou das leis.

Exigimos a crença na maxima sinceridade das nossas criticas, como dos nossos louvores, quaesquer que sejam, por estranhos ou excetricos que pareçam.

Se atacarmos ideias, partam d'onde partirem, se criticarmos principios, qualquer que seja a origem, assente-se que respeitamos profundamente os homens, por esse principio simples de que queremos para nós o respeito pessoal que não regateamos aos outros.



Vagas, nostalgicas, as primeiras nevoas ascendem do horisonte, pondo sobre a natureza as primeiras lagrimas do outono. A' superficie dos mares a agua perturba-se, e escumam de colera os labios das ondas, como n'um prenuncio d'epilepsia e de tormenta. Eis os poentes tocando d'ouro fulvo as franças do arvoredo, as outoniças flores abrindo os calices funebres, que vão adornar depois os caixões das virgens tisticas, e sobre a areia das alamedas, os primeiros tapetes de folhas que esmorecem, ellas tambem, da anemia lenta que confrange os outros seres delicados. Oh melancholias murmuras do outono! dulcissimas manhãs que abris o vosso seio aos suspiros dos passaros friorentos! Lá muito em baixo, ao fundo do Alemtejo, sobre as serras de palha das herdades, as cegonhas perscrutam nos eternecimentos da luz, os largos regelos de dezembro e janeiro que vão chegar; e receiosas um pouco, e friorentas já do orvalho matinal, essas egypcias deusas, que o protectorado inglez já fez assemelhar a pedagogas, a *missess Lucys* esgrouviadas—essas egypcias deusas acabam á pressa a educação dos seus pequenos, empurram-nos dos ninhos, obrigam-nos a descer a encosta em vãos pezados, *cahin, cahá*, porque procurem elles mesmos, com o seu longo bico direito e carniceiro, entre os seixos e os limos da ribeira, as pardelhas e as rãs que lhes darão forças para a travessia do Estreito... lá mais embaixo ainda, até aos eirados de Tunis e Marrocos, d'Alexandria e d'Oran, aonde o arabe supersticioso lhes conserva os ninhos ao outro anno.



Todas as diversões do verão agnizam com elle, e vão morrendo. A Exposição Industrial vae fechar em breves dias, e não admiraremos mais n'aquellas galerias de paninho a côres, guardadas por veteranos hydropicos, os garrafões d'azeite com rotulos de vinho do

Porto, os frascos de xarope em *vitruines* sobrepujadas de corôas e brazões de marquez, as flores de cêra das collegiaes prodigiosas, os moingues de barro com inscripções latinas na barriga; e aqui e alem, por entre documentos de vocações sem disciplina, rompendo a crosta da apathia publica, uma ou outra exposição sympathica e progressiva, dando a nota d'uma intelligencia lucida, posta ao serviço d'uma vontade febricitante.

Gordo, anafado, com o seu ventre em sacco de noite, descoberto até ao umbigo pelo decote d'um coletesinho de baile... muito catita, Rio de Carvalho desenrola no ar os ultimos clamores da sua *batalha de 18 d'agosto*, que a julgar pelo descriptivo da musica, deveria ter-se dado entre guardas nacionaes, todos amigos e de barrete de dormir, com tremoços por balas, e ressonancias d'bumbo por descargas d'artilheria.



O Circo abriu, com uma confraria d'artistas muito mais aborrecidos do que o publico, e chega-se a creder pela sensaboria dos palhaços, que elles sejam o *través* recente d'alguns dos nossos mais conceituados jornalistas.

Acabaram as touradas, separando-se gregos e troianos—venho a dizer os touros e os toureiros—com as anatomias intactas, e na mais correcta e leal camaradagem.

Eis a semana. Restaria dizer que alguns banqueiros se esgatanharam no meio da rua, com gaudío geral dos proletarios, e que as creadas de servir continuam a deparhar-se dos quartos andares, esbrazeadas de paixão pelos seus policias e moços de recados tutelares.

Bem ticha razão o poeta...

*Plus cela change, plus c'est la même chose.*

—Que tudo vae estando entre nós muito acabado...

Na comedia da vida esgotaram-se já todas as variacoes pitorescas. Está tudo visto e conhecido: as caras, as intenções, os *toilettes*, as theorias d'arte e os pratos de cosinha... E' por isso talvez que o *Reporter* toda a semana tem estado a variar de redactor em chefe sem fazer questão de sexo, procedencia politica, e incurvação de bigodes, contanto que a chefatura ostente novidade; e que os fetchistas de Fontes, achando rotineiro o erigir-se-lhe estatua ao centro d'uma praça, de liberam entre si esperar-lhe o bronze commemorativo no meio da rua publica, por forma que elle impeça o transito aos carroceiros, e os obrigue a rogarem pragas ao heroe—o que seria uma formula de preito com qualquer das outras consagradas.



Aqui está este homensinho de casaca e jasmim na capella, bocejando n'este canto de divan, logo ao principio do primeiro *cotillon* do outono—o da senhora duquesa de Palmella, em Cascaes—



e este fadista esboçando este copasio, n'este canto do balcão, com o mesmo thedio minaz e impalludoso, com que o seu collega do baile (apostaríamos que os dois sejam collegas) vae desenrolarem-se as marcas que *madame la duchesse fait venir de Paris*.



Em compensação, a cara d'este dono de *restaurant* radia como um sol. E que Lisboa volta das praias, reopodera-se das ruas, remobila os aposentos, manda cortar peliças d'inverno; e os theatros acordam, os clubs illuminam, projectam-se bailes, casamentos, jornaes, futuros bloqueamentos politicos. E vão chegar os *soupeurs* mais as *soupeuses*, aos gabinetes fechados aonde se dizem tólices, ese devoram fortunas e *perdreaux truffes*, enquanto o Zé dos Anéis guarda cá em baixo, com o *coupé* fechado, e as facas fumegantes, para a batida d'alva, até ao Campo Grande... essa batida d'alva com stores corridos, adstringente, carnívora, furiosa, que desltera da ceia, e faz do amor como um charuto mau que se cuspiu.

*Irkan.*



Ensina-nos a physica um curioso phenomeno de—interferencia.

Quando dois raios de luz se encontram, em dadas circumstancias, produz-se a treva.

Dizem que as duas companhias do gaz vão fundir-se. Dois focos de luz que se encontram...

D'esta vez ficamos decididamente às escuras!



Uma nota triste:

O Brazil depois de nos enviar a dolorosa nova da morte de Margarida—a. incarnação mais completa da hysteria em corpo de mulher.—a louca e captivante actriz de uma sensibilidade tão rara e de tão genial intuição artistica, envia nos, em reforço, a noticia do enlouquecimento de Montedonio. Pobre actor estimadissimo, pae de familia, fascinado por esse lendario paiz dos milhões, elle partirá ha quatro annos, como tantos outros, para não voltar, talvez!



Foi para representar a comedia alegre e a esta hora, protagonista d'uma tragedia infanda, espera no hospital o epilogo funebre.

Se tem de morrer, que o pobre actor não reconheça mais a mulher nem os filhos. E será feliz, porque pertencerá ao numero dos que, apenas o são no mundo: as creanças, os loucos e os mortos.



Oliveira Martins demitiu-se da direcção do Reporter. Foi muito, mas francamente não foi tudo.

Quando se tem, como o illustre historiador e homem da sciencia, a coragem do trabalho, um nome respeitado, uma auctoridade incontestavel, quando se alcançou imprimir ao seu paiz um movimento visivel de novas ideas, quando esse paiz é Portugal, paiz de mandriões, de falsos rabios, de pedantes guindados, de nullidades óccas, de politica devassa, a obrigação d'esse homem é recolher-se ao gabinete de estudo d'onde nunca devera ter sahido e não se limitar a deixar a direcção d'um jornal, mas deixar completamente—a tal politica.

No fundo eu estou quasi certo que o sr. Oliveira Martins me dá razão.

Nada mais inglorio e mais velhaco do que servir velhacos.



O dia e a noite.

Não é da opera comica, em que o rouxinol adora uma andorinha, que vou fallar; mas d'esses dois grandes actos em que se divide a vida de Lisboa, que constituem a comedia diaria do nosso viver, vulgarmente pacato, viver de burguez rico, com a caza acastellada deitando para o Tejo, um macaco no mastro do jardim, uma mulher feia como dois bichos, uma irmã doctora e delambida, uma filha unica, em toda a accepção da palavra.

N'este momento o dia em Lisboa é deliciosamente insipido. A Avenida não sussurra ainda, pela tarde, com o rodar das equipagens e as conversas multiplas dos peões, desfilando em linhas lateraes, como còros d'uma peça d'espectaculo em que os comediantes de primeira ordem figuram ao centro.





Não chegou ainda a época d'este arremedo pelintra da vida das grandes cidades; o «mot d'ordre» não foi lançado pelo apparecimento de duas ou trez carruagens de grandes damas, facto que os «reporters» dos jornaes lançarão com toda a ligeireza, como voz para limpar arreios e apparellar quatro ou cinco piléas de marialvas, que têm de representar, entre nós, essa cousa que se designa pelo palavrão ôcco e sonoro do «sport».

O «sport» uma das entidades protegidas pelo governo progressista, uma necessidade de primeira ordem que se fazia sentir profundamente no paiz, desde que as carruagens luxuosas dos ministros, que sempre andaram a pé e mal calçados, não podiam, sem quebra de grandeza, serem puchados pelos ridiculos cavallos d'Alter, que o sr. conde do Sobral, tão ingenuamente ostenta nas suas cavallariças de Almeirim.

Não chegou ainda o tempo. A Avenida ostenta-se pacata e quasi deserta, ladeada pelas frontarias monotonas dos predios, triste como uma rua da Pompeia. No entanto as ruas da Baixa, entre as duas e as quatro horas enchem-se de vida. Perpassam carros, ha grupos bulhentos pelas esquinas, pelas portas dos cafés, esperando as damas, que recebem cumprimentos, e entram em todas as lojas de modas a finguir que fazem compras. Um pretexto velho do passeio feminil lisboeta. Uma senhora, entre nós, não dirá, francamente ao marido—vou tomar ar—; mas sempre solícita pelo lar, velando estrenua pelas necessidades cazeiras, encontrará para desculpar os passeios continuos a necessidade d'uma compra.



A compra e a visita, são as molas que impellem, apparentemente, para os asfaltos dos passeios, as nossas mulheres quando a verdade é que ellas sahem para mostrar que já chegaram, vêr os conhecidos que se encontram, e deslindar em que ficaram aquelles amores da praia, que fizeram fallar n'um duello, ou saber ao certo se o divorcio do conde ou da condessa é caso assente, ou passou á historia.

E tantas outras pequenas grandes coisas de que o espirito fememino se nutre e com que se embriaga, eterna creanca sublime, balouçada entre o amor e a vaidade, fazendo do agrado o cuidado supremo, o ultimo argumento.

Esta hypocrisia, é o que resta da educação antiga, fadresca, em que a mulher só conhecia o viver da rua, pelo espreitar cauteloso atravez da rotula cruzada de madeira.

Era uma defeituosa educação, decerto. Mas confessemos, tambem, que n'esse tempo, a mulher era mais digna do que hoje e o homem mais honrado.

A larga convivencia esconde os prazeres modestos do lar; e quando a mulher se liberta, o homem avilta-se.

E' pois no intervallo das duas ás quatro horas que Lisboa se diverte, de dia; que toma um ar alegre, fóra do commum, ar feliz. As ruas animam-se rumorosas, illuminadas por este bello sol peninsular, que fazendo ressaltar, nitidamente, as côres das «toilettes» femininas, dão ás ondulações, curvas e espraiaimentos da multidão, a vaga semelhança d'um enxame que evoluciona, entre um variegado espectral de elytros, bati-dos da luz solar.



Delicioso o momento e rapido.

Dentro em pouco o passeio terminará no «chá das cinco horas», esse prazer gostronomico, que escapou a Faltaf e aos imperadores romanos. Prazer tão deslavado como a cara d'um inglez, mas que entrou na vida do nosso grande mundo, como o requinte da distincção, ao lado do lawn-tenis, das garden-party, e da fedorenta cerveja. Hurrah!



As tardes decressem rapidamente, janta-se e o dia termina. Não é pois um dia em Lisboa uma larga epôea, de infinitos prazeres, que a cabeça do provinciano ingénuo fantazia, nas horas de hypocondria dôce, ao canto da botica, ou nas suas horas de extravagancia lyrica ou deparar com o verso de Thomaz Ribeiro—eu nunca vi Lisboa e tenho pena!—Oh! não amigo, este é o quadro simples e verdadeiro do dia Lisboeta: e para o gozar é preciso viver aqui, conhecer as mulheres que passam e os homens que esperam, o que são e d'onde partiram, os segredos das suas vidas e das suas toilettes, a significação dos seus risos, o occulto sentido das frases rapidas: aliás, todo o gozo será limitado á passagem tumultuosa de manequins inexpressivos e toda a vasta comedia latente, amores, ciumes, odios, intrigas, vaidades, o que interessa, o que attrahe, passará occulto na apparencia vulgar de gente que se move para negociar, para respirar á vontade, para se aquecer ao sol.





A noite chega. Teem fama as noites de Lisboa. As de agora, são d'uma pobreza franciscana. Verdadeiramente em Lisboa ha dois theatros que marcam a vida artistica da estação: S. Carlos e D. Maria II. Ao primeiro não chegou o dia da abertura; o segundo abrirá quando os societarios quizerem lembrar-se das condições do contracto.

Porque é bom accentuar que o nosso governo tem muito maior disvello pela raça cavallar, do que pela arte. Elle não consentirá que se feche uma cavalleriça n'uma quinta districtal, mas pouco se lhe dá que abra ou não o theatro, que apezar de todos os defeitos de direcção, é o unico onde se falla portuguez, o unico onde qualquer familia honesta pode, sem vergonha, occupar um camarote.



Decididamente nós havemos de chegar a fazer rever a censura previa em obras de theatro, ou o sr. governador civil tem de mandar dois policias para os proscenios, com ordem de prender todo o actor que expectore atraz da ribalta, o que qualquer ebrio não pode proferir no meio da rua, sem ser conduzido á esquadra, por ofender a moral.

Esta differença que ha entre a criminalidade d'uma phrase chula, porque não foi ensaiada e a d'est'outra porque tem «deixa», francamente revolta.

E este o estado actual dos theatros ne Lisboa.

No Gymnasio *O Dr. João*, comedia, como são geralmente as d'este theatro, sem predicado sério que as recomende, baseada em falsidades, inverosimilhanças, tolices, armando á graça, ao applauso publico, pela ambiguidade chula do dito, pela nudez inadmissivel das situações.



Diz-se que o publico não escolhe as outras. Falsissimo. Veja-se, em D. Maria, o exito da *Guerra em tempo ae paz*, e da *Sociedade onde a gente e aborrece*.

Depois vem a Trindade. Aquillo é uma Babel. Falla-se n'aquelle abençoado palco, o gallego, o hespanhol, o italiano e ás vezes o portuguez, Rencia-se, grita-se, berra-se, guincha-se e canta-se, ás vezes, quando Salud, a gentil hespanhola, entra em scena. A respeito de linguagem, de ditos graciosos, temos conversado... fazem córar um sargentão.

Eis os dois theatros em voga.

Só nos resta ou ir para o Colyseio, vêr pela centesima vez, um cavallo com uma menina a pular na cella, aos gritinhos, ou atirar-mos com a nossa alegria ás garras dos actores do theatro do Principe Real e sahir de lá com a mente a fervilhar de gritos, com visões de sangue, com vultos de cadaveres, carceres soturnos, innocentes degolados... uma hecatombe!

Todavia, renda-se a homenagem ao modesto theatro. Parou, é certo; mas como «vielle roche» firme no seu ideal. Usa ainda a cabelleira solta, o casaco de veludo, a bota á Frederico, manto negro, mas tudo limpo. Pode incommodar a alma simples do povo, mas não a relaxa; pôde ser banal, antiquado, piegas, perante as exigencias philosophicas do nosso espirito moderno; mas não é nunca ordinario, immoral, corrupto.



Resta-nos a Exposição Industrial, com a luz decorativa dos seus globos electricos, o sussurro de aguas cadentes, aquelle ranger da areia esmagada pelos pés dos passeantes, os concertos de Rio de Carvalho, o apreciavel maestro, e ainda as sombrinhas do sr. Gazul.

Este espectáculo é que é perfeitamente innocente! O modo de passear, os grupos das cadeiras, os echos da charanga, as *bichas* das creanças, o vedado do ambito, a gravidade das mamás, os namoros languidos das filhas sob o bico amarelado do gaz, tudo nos recorda aquellas saudosas e portuguezas noites do antigo Passeio Publico, e me faz vêr um phenomeno curioso de atayismo na vida da cidade.

E ella que resurge, no recinto da exposição, como era ha dez annos, ao lado d'aquelle corêto pintado de branco, entre os arcos da cascata e o lago da entrada, desfilando entre o Tejo e o Douro, ao som do cornetim do Rodrigues da Guarda, e, tendo creado, como symbolo da alegria, da graça nacional choreographica Justino Soares, de saudosa memoria. Commovedor!

Aconselho as mamás a que levem alli as filhas cazadoras.

A luz electrica dá á pelle uma suavidade incomparavel e ao olhar uma doçura estranha.

Ora a uma pelle fina e a um olhar dôce, nem os tolos resistem. Experimentem.

M. M.



## FOGOS FATUOS

Dicionario:

Armistício — O tempo de arranjar uma espingarda melhor, um ca-

nhão mais perfeito, uma bala mais... persuasiva

Felicidade — O homem nunca foi feliz. Lembra-se de o ter sido ou espera sel-o. Eis tudo.

Acceso — Tem-se accessos de ternura, de generosidade. Não os ha d'orgulho, d'egoismo. E' o estado normal.

Boçca — A unica que tem a palavra é a bocca do canhão.

Obra prima — Uma creança que só se baptiza depois da morte do pae.

buetto — Melhor que um terceto e peor do que um solo.

Inveja — Um dia de «sofrimento» pela felicidade do proximo.

*Dr. Gregoire*

O luxo das mulheres tem tomado taes proporções, que é preciso estar loucamente apaixonado e ser fabulosamente rico para se poder ter uma mulher, como sua. Tal estado de coisas só nos deixa uma solução: amar as mulheres dos outros.

*A. Karr.*

E' mais facil a uma mulher defender a sua virtude dos homens, do que defender a reputação, das mulheres.

*Rochebrune.*

A virgola é o Waterloo das mulheres. Depois da batalha, ellas conhecem os que as estimavam.

*Balzac.*

## EXPEDIENTE

A *Comedia Portugueza* está á venda nos seguintes logares:

Kiosques: Rocio, Avenida, Praça do Commercio, Praça dos Romulares, largo de S. Paulo, Caes do Sodré, Aterro (em frente do mercado 24 de Julho).

Agencia Bastos & Gonçalves, rua dos Retrozeiros.

Tabacaria Sousa, rua dos Retrozeiros.

» Anglada, rua dos Retrozeiros.

» Castello, rua 24 de Julho.

» Bella Havaneza, rua da Prata.

» Feijó, rua da Prata.

» Lima, Avenida, 57.

» Monáco, Rocio.

Livraria Moderna, Avenida.

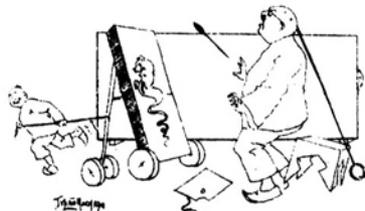
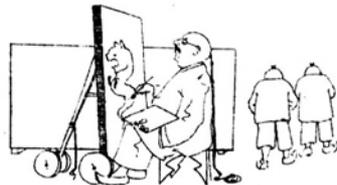
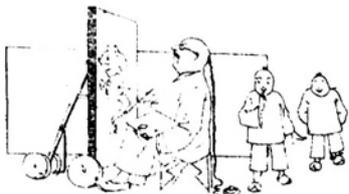
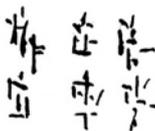
» Rodrigues, rua do Ouro.

» Ferin, rua Nova do Almada.

» Barata, rua de S. Paulo, 120.



Por absoluta falta de tempo não podemos agradecer a amavel recepção do nosso collega *Pontos nos i*. Falohemos no proximo numero.



# Ao Pontão nos II



# Aux Seigneurs tout honneur



Ao ver prepassar feliz e despreocupado, sua Alteza o príncipe que Deus Guarde, por entre as enormes dificuldades da sua regencia, em Cintra, em Cascaes, no hyppodromo, na caça, no «tour» da tarde, puxado a quatro ou levado a um, eu pensava commigo: como a providencia é grande.

Tão novo e tão sabio, tão experimentado, tão superior que leva isto com uma perna ás costas, como diz o vulgo.

Eu que suppunha que governar um reino era um trabalho arduo e penoso, para que se requeriam dotes especiaes, especial cultura e engenho, convenço-me agora de que é a mais simples, das mais simples cousas do mundo. Boa peça me tem pregado a rethorica e os poetas.

No parlamento, os «eleitos» clamam sempre pelo «espinhoso» cargo de reinar, a «difficil» e tantas vezes «angustiosa» posição de rei: e, eu a ver sua magestade pensativo horas e horas á banca de trabalho, curvado, coberto de espinhos, angustioso e ainda por cima cahindo-lhe sobre os arminhos do manto as chufas e graças d'uns marás que passam a vida pelos cafés, passeando os asfaltos, cortejando as mulheres.

Enchia-me a indignação!

Lembravam-me, dos meus tempos de analyse grammatical, uns versos fogosos de Ferreira, na tragedia Castro, em que o rei Afonso dizia cousas terríveis do sceptro, a ponto de confessar que, se o visse no chão antes que levantar-o o pizaria aos pés:

n'este chão que te achasse, quereria  
pizar-te antes c'os pés, que levantar-te.

Reenchia-me a indignação!!

E, enfim, até o sr. Fontes, que era segundo a graciosa denominação dos seus contrarios—o rei substituto de Portugal—até elle, muitas vezes repetia, que lh'o ouvi eu, os encargos, as luctas, os trabalhos asperimos das provincias da publica administração.

A indignação rebentava-me!!!

Afinal, foi um desilusão cruel. Um homem governa mais facilmente um paiz do que um bote; os senhores deputados armavam ao effeito; o sr. Fontes armava ás mulheres, que adoram os heroes os luctadores; o Antonio Ferreira era um pobre diabo que nunca fôra rei!

A questão é nascer na Ajuda, no Alcaçar em Madrid, ou nas Gulherias, ou no Kremlin. O filho d'um rei, é um rei pequeno que cresce, amadurecendo na mysteriosa aptidão de familia, justificando a trova popular:

O pecegueiro dá pecegos,  
O limoeiro limões...

Ninguem dirá ao ver uma abobora, que ella nasceu d'um mungueiro. Não senhores: sabe-o todo o mundo. Uma pevide, pequena, humilde, da abobora mãe, enterrou-se no solo, que gerou a aboboreira, que a seu turno alimentou a abobora que V.Ex.<sup>a</sup> estão vendo. Uma questão de pevide e nada mais: Foi pequenina; hoje é isto: uma perfeição. Oh! a natureza!

Andamos a procurar continuamente ministros novos.

Esquadrinhamos, informamo-nos dos nossos homens mais intelligentes, mais conspicuos, mais sabedores. Se foram vaccinados e não padecem molestia contagiosa, encaixamos-lhe a pasta na axilla. São homens entrados no segundo periodo da vida, tendo deixado, por tempo já, os ardores juvenis; cheios de experiencia e de conselho, acostumados á concentração dos gabinetes de estudo. S. ex.<sup>a</sup> será ministro, entrará no numero dos sete peccados mortaes de que se compõe um ministerio: ahí tem carruagem, ahí tem o correio, ahí tem o gabinete; queira administrar.

Quer mais papel? mais papel para o sr. ministro.



Preciza de

mais tinta? um frasco de tinta para o sr. ministro.



Sua excelencia senta-se, compenetra-se do cargo, anedia a trunfa, ageita a luneta, ordena o papel, pigarreja suavemente, inclina-se, toma a penna e... «o dique das asneiras arrebenta!» Isto ter sido inalteravel, bem dito seja Deus, de ha vinte annos para cá.

Alteza, queira ter a bondade de administrar, provincias, ilhas adjacentes, colonias, ministros, esta tralhoada toda... Prompto: apparelha-me o baio para o passeio. Falta alguma coisa? Arranjem-me mais dois cabazes de flores para a batalha dos Pisões. Ha ainda que fazer? ainda ha? Vamos dançar para Cascaes.

E, como em tempo de fadas, como se o príncipe louro tivesse condão, provincias e ilhas, leis e decretos, nuvens e horas, negocios e lérias, correu tudo ás mil maravilhas, na serenidade mansa das noites de luar.

Se eu fosse allemão e tivesse o poder evocador d'esse velho mundo fidalgo e mysterioso, havia de escrever uma ballada doce e triste, aventureira e epica: assim posso apenas tirar o meu chapeu ante a visão deliciosa da felicidade da minha patria e render graças aos Deuses, pelos seus favores e pela prolongação do poetico systema que felizmente nos rege.



Esta o sr. D. Luiz de volta a estes reinos, no fim d'uma larga viagem, entrecortada de festas, e offegante em demonstrações de apreço — já por banda dos seus collegas que estimaram vel-o feliz mal-a senhora — já por banda dos povos, que parece se consolam das suas proprias dynmstias, deitando foguetes de preito ás dynastias dos parceiros.

El-rei, chega, ao que parece, restaurado, nedio, e outra vez reconduzido á sua bem conhecida actividade.

Damos-lhe os nossos parabens por esta esguichada de saude que uma tão preciosa existencia acaba de receber pelo injectador das viagens de recreio — se bem que estejamos certos de que estas digressões que enchem d'adipõ o pujadouro dos reis, quasi sempre escanifram singularmente a alcatra dos povos.

Não recusemos, porém, pôr o acceito em mais estas Letras que S. M. se dignou saccar sobre nós, tanto mais que nos consola a certeza ineffavel de serem as ultimas; e demos de mão beijada estas mesquinhas victualhas da nossa riqueza publica, que nenhuma falta nos fazem, em troca das inapreciaveis regalias de que esta viagem abençoada vae crivar-nos.

Além da foguetaria e da canhonada do estylo, a vinda de S. M. em pouco alterou, na segunda feira ultima, a pacatez e o aspecto da nossa capital.

Havia talvez uma certa curiosidade em ver de perto a el rei, que em telegrammas de sua propria redacção, mandára ao presidente do conselho, com muitos recados para o povo, animadoras e muitas expansivas noticias, quanto ao enrijamento da sua carcaça bragantina e fidelissima.

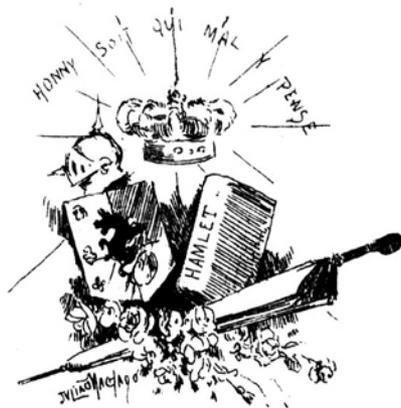
N'esta curiosidade todos fomos logrados (o povo é a eterna creança, etc., etc.): S. M. appareceu na gare de Santa Apollonia, noite fechada — já os regosijos do Terreiro do Paço bruxuleavam a sua fileira de luzinhas magras, symbolo da meia tripa em que andam entre nós os amanuenses — e se aos *dindons truffés* da corte foi dado julgar da prosperidade das banhas moderadoras, é certo que as classes subalternas tiveram que transferir a sua opinião, quanto á influencia benefica das viagens de recreio na saude dos principes nostalgicos. Segundo o *Diario de Noticias*, o sr. D. Luiz é o monarcha que mais tem viajado pela Europa, depois de seu tio Pedro II — que esse até já percorreu regiões aonde nem um hespanhol ousaria mandar passear a propria divindade — e aquelle que por suas qualidades e talentos, mais vivas sympathias faz jorrar, á sua passagem, do coração das capitães.



De feito não ha nada para arrancar o teutão frio e cervejento, o austriaco indifferente, e o orgulhoso hespanhol, á monotonia de seu *home* e ao absorvente turbilhão dos seus interesses, como dois dedos de cavaco de S. M. o rei de Portugal. Até lá em Berlim, quando não ha que dizer nas cervejarias, os allemães encaram se e observam — e se por ali viesse agora o rei de Portugal).

Nos circulos officiaes mesmo se rosna, que a vinda d'izabel de Austria para a Madeira, não é indifferente á fascinação que o violoncello real conseguiu exercer sobre este nevrosismo de *femme de traquée*.

O phenomeno de resto não tem absolutamente nada d'insolito. E' sabido que os indianos domesticam serpentes assobiando-lhes ás botas: e fr. Bernardo de Brito falla d'uns tapuios que fascinavam preguiças do Brazil, fazendo-lhes zoar cega-regas á embocadura das tocas.



A' chegada de S. M. a Santa Apollonia, toda a cõrte se acercou da sua real pessoa. homens de finança e homens de politica. deputados e escriptores, damas de palacio e damas de *comptoir*.

E feitas as saudações de caracter official, dados os vivas do municipio mancomunado com a alfandega, e correspondidos com entusiasmo igual por todos quantos em Portugal teem um ordenado ou uma tia baroneza — passou o monarcha ás suas effusões particulares.

Dadas as suas tendencias litterarias, não se espantarão os leitores que lhes digamos, ter sido para as letras a primeira expansão carinhosa de monarcha.

A litteratura portugueza tem effectivamente, junto do paço real uma embaixada, atravez da qual se infiltram para as predilecções pessoas do monarcha, as predilecções do embaixador plenipotenciario — que é, diga-se aqui, um homem inteiramente encantador, um pouco sceptico talvez, mas si plesmente fino e gentilhomem, temperando com as seducções litterarias do artista, a aridez do professorado, e salvando-se por este das banaes eventrações folhetinisticas do seus secretarios d'embaixada.

El-rei acercou-se, pois, do embaixador, e entregando o seu real guarda-chuva ao conselheiro presidente, inquiriu do que havia pelas litteraturas portuguezas.



—Tudo parado, real senhor, e desde que V. M. nos deixou.

—Pois nos seus reinos, acudiu d'alli o conde de Sabrosa, um secretario, V. M. é como o sol, que decide a maturação das aboboras, inspira as artes, e esfria a terra e esmorece a vida, quando... para alem das fronteiras portuguezas.

—Será possível que em tres mezes d'ausencia, o meu paiz não tenha produzido um só livro, um artigo, um poemeto!

—Ha um romance: os *Maias*, corriqueiro... onde uma hespanhola tem a ousadia de dizer que V. M. *tiene cara de buena persona*.

—E o meu caro conde, não faz versos?

Eu parti o alaude, des'que Gonçalves Crespo falleceu.

—Sabe V. M. quem apanharia a flôr d'amarantho, se acaso ainda entre nós houvesse jocos floraes?

O *Duque de Mendonça*, não ha outro, disse o monarcha.

A nossa condessa de Segur, a educadora... uma variante do duque, em feminino.

—E essa flôr d'amarantho, é preciosa?

—Como condecoração é uma especie de habito de Christo destinada a premiar a folhetinistorrhea das escriptoras pessimistas. Murcha depressa.

—Não é, pois, galardão que convenha a uma senhora. E quanto a *sport*?

—O visconde de C. estreou um fato; a viscondessa de R. continua a ter medo do marido, e tem havido uma batotinha minaz no *Turf Club*.

—Perdeu alguém?

—Tudo se perdeu, meu senhor, menos a honra.

—Nada está perdido então: que dinheiro não avesam os gentishomens leaes da minha côrte.

—Mas, *sport nautico*?

—Na bahia de Cascaes virou-se um bote. Foi este anno o acto brilhante da Associação Naval, de que v. m. e commodoro.

—Caspité, ministros! E da belleza das damas d'estes reinos?

—As senhoras da côrte continuam a apparecer vestidas de sophás, e a procurarem o seu nome no *carnet mondain* das *Novidades*.

—Já sei que tiveram por cá manobras do outono... Moltke fallou-me... Diz que brilhantes...

—Oh, com certeza. O nosso exercito é o primeiro do mundo appareceu um grande do reino dentro do rancho dos artilheiros... mas quem levou ao acampamento prestigio, foi S. A. o principe regente. Ah meu senhor, que figura...



—Desempenado hein? o meu rapaz?

Oh, guapo moço! E que aprumo e correcção de fardamento farda de coronel, imagine v. m., capacete de plumas, botas de be zerro branco com salto de prateleira, cinaçã hespanhola, revolver no cinto, chapéu de sol. Gostaram, tanto, que o general até mandou agradecer ao principe, na ordem do exercito, a disciplina.

—Isso me agrada! isso me agrada! disse o rei, dando estalinhos de jubilo com os dedos.

—Porque, enfim, observou ainda o secretario d'embaixada, S. A. R. pedia muito bem ter ido ao exercito em mangas de canuza.

—Aquelle rapaz se pela figura recorda o meu chorado bisavo D. João VI, é pelo espirito guerreiro, o meu amado irmão infante: D. Augusto.

—Serenissima vergontea.

—Está feliz o meu povo?

—Podéra não. Foi desmamado o principe.

—Isso dá azo a nós fazermos entrar no *Kalendario* mais um dia de gala, e a pedirmos ao estado um acrescimo de dotação para alimentos.

Mas diga-me, conde: os suicidios, diz que abundam... Dizem os jornaes, que inspirados pela miseria e pela fome.

—Qual! meu senhor. Tem sido de saudades pela ausencia de V. M.

—Querido povo meu! Se não tenho dado tanto dinheiro aos pobres de Madrid, talvez lhe offerecesse agora um bodo, por cautella aos seus futuros resentimentos.

—Um bodo por cautellas... Mas real senhor, isso foi uma idéa do Manaças.

—Como está isso lá pela *Academia*.

—O *Diccionario* prosegue. Tinham ficado em *zurar*. Lá contuam. E agora estão em *zur!* real senhor. Parece, porém, que os colaboradores não metteram no livro *zarigata*.



—O povo parece desdenhar d'essa palavra. E não appareceu mais anarchista nenhum a escabroncar a pinha aos jornalistas?

—Oh, nunca mais! visto como *l'affaire a reussi*. (aproximam-se os ministros: o rei avança para o presidente, da-lhe um abraço e recebe outra vez o guarda-chuva).

—E' singular, diz o monarcha. Falla-se pela Europa em Bismarck, em Kalnocky, Crispi. Conovas, Sagasta e Stambrelloff. só á roda do genio politico do meu presidente do conselho se tem feito uma conspiração de silencio.

—A modestia, tornou pudicamente o interpellado, é um apagador que extingue a aureola dos grandes homens, para além das fronteiras dos pequenos paizes.

Aqui o ministro da fazenda observou:

—Ha só um ministro grande: é aquelle que arranja dinheiro barato, e sabe fazer uma pega de cara ao moageiro. (po ouvido d'el-rei) V. M. não traz tabaco de contrabando nas bagagens?

—Não. Mas comprei-lhe uma capa em Barcelona, para o senhor fazer vida, quando voltar á opposição.

(*apparece o ministro dos estrangeiros*)

—E a questão de Larache? diz-lhe o rei:

—Reclamámos 100 contos de réis dos marroquinos, a titulo de indemnisação para as victimas do conflicto. E' razoavel.

—E se o governo do sultão recusa, santo Deus?!...

Mas elle aceita. (*segredando*) Mandámos secretamente a Marcos uns 120 contos: o sultão recambia-nos os 100, fingindo que nos dá satisfação, e paga-se c'os 20 da villeza a que desce, recebendo as metralhadoras da nossa *marrrrinha de guerrrra*.

—Vinte contos de réis para amordaçar a lingua a um potentado! Já vejo que na ala d'Africa as casas de campo são muito mais aratas do que na Beira.

—Provavelmente não tem estuques nem pavimentos...

(*o principe regente vem tomar o braço de sua pae: e a comit-a affasta-se, enquanto pae e filho caraqueam*)

—Ora diz-me, Carlinhos, quaes os factos mais notaveis da tua regencia.

—Desmamei o rapaz; fui caçar as gaivotas em Setubal; nos salões d'uma quinta emprestada dei um baile, n'uma sexta, n'onde as marcaes do *coillon* eram pandeiros pintados por meus proprios pinceis.

—Que trabalhão devias ter dado ao Casanova!

—E tão apreciadas foram essas pinturas, que os convidados omaram as minhas cabeças de *mariola* e toureiro, por verdejantes paisagens da Suissa.

—Precocidade de moço!

—Se o papá não vem tão cedo, encontrava no poder um ministerio recrutado por mim no *Turf-Club*, ou entre os gentilhomens amadores da tauromachia.

—Sim, que talento! Mas era fomentar a união iberica, Carlinhos.

—Não percebo, papá.

—Esses senhores começavam logo por nomear para os cargos importantes do reino, todas as damas hespanholas do seu partido. E calcularás d'ahi a desordem. O primeiro acto de pepotencia d'aquellas senhoras era pedirem a abolição dos delegados de saude, e restaurarem no seu antigo posto, as *camareras*.

—Diabo! é verdade...

—Em Villa Viçosa nunca mais te caluniaram de *principe ladrador*?

—Agora só me chamam o *principe Diniz*, o que vem a dar no mesmo. D. Diniz figura na historia sob o cognome de lavrador tambem. Plantou pinhaes...

—Exacto, exacto... E' que tu deves fazer tambem, meu rapaz... plantar pinhaes... ou cebolas.

*Irkan.*



O sr. Jorge Allen, segundo parece, rapaz distincto, gozando de geraes sympathias é mordido por um cão, que envia ao hospicio dos animaes e que morrendo dois dias depois é antopsiado pelo veterinario de serviço.

A autopsia não revella symptomas de hydrophobia; no entanto o infeliz rapaz é recolhido ao hospital com os symptomas assustadores da terrivel doença. Sobresalta-se a população e os jornaes perguntam entre assustados e colericos: de quem é a culpa? Com a devida venia, collegas, parece-me que a culpa é simplesmente... do cão!



José Allen, morreu. A doença do pobre rapaz deu origem a uma serie de inconveniencias medicas e jornalisticas, que nos fizeram pensar se realmente o bom senso de ha muito fez a graça de nos abandonar de todo.

A tragedia primeira, ameaça reproduzir-se, graças ao tacto clinico d'alguns e á indiscreta ignorancia de outros.

Não é necessario desenvolver o assumpto; isso levar-nos-hia muito longe.



inaugurou-se ha dias, em Paris, o Lyceu Molière, para a educação das Mulheres. Mr. Lockroy, ministro da instrucção entre bellas coisas, disse:

«A honesta liberdade do pensamento, a gravidade simples do sentimento, eis o que é preciso antepôr a tudo eis o que é preciso adquirir e propagar depois em volta de si: é com estes elementos que a mulher se pôde tornar verdadeiramente igual do homem, e torna-se digna do unico papel que hoje lhe convém — o de educadora do paiz.

A inscripção antiga resumia n'estas palavras o elogio de uma verdadeira mãe de familia «Amou o marido com todo o coração. olhou pela casa e fiou a lã».

A mulher moderna deverá tambem merecer esses louvores, mas é preciso accrescentar-lhe ainda isto «Fez dos seus filhos cidadãos esclarecidos e viris, capazes de servir a patria, tanto dentro como fóra do paiz».

Ha ahi alguém que faça o favor de me explicar como se obtem uma — honesta liberdade de pensamento? uma gravidade simples do sentimento? elementos com que se consegue, segundo o sr. Lockroy, tornar uma mulher igual ao homem?

Apollo para o sr. José Luciano. Elle decerto comprehende estes palavrórios óccos, methaphisicos, e ha-de ter paciencia de nos os explicar, quando se abrir o lyceu para as mulheres. O que nos vamos aprender!





No Conselho geral d'instrução publica, os senhores sabem, uma assembléa que trabalha mysteriosamente, modestamente a julgar pelos resultados brilhantes dos seus accordãos, na marcha do ensino publico; um medico, com uma tradição gloriosa do fino espirito, um alumno da escola de Paris, um anatomista consummado, acaba de abrir um largo rombo na muralha impedidora dos progressos academicos.

Sua excellencia propõe para remodelar methodos, e desfazer poeiras em cerebros de jovens, a inacreditavel injeção de—oito annos de latim!

Velhos bernardos, de barba esqualida, e luzidias carecas; frades bojudos de ventre ministerial insaciavel, magros professores do seculo [que passou, sebosos, de narizes atulhados de simonte, olhos ramellosos e uphas roidas; brutaes livralhões encoirados, chapeados de cobre, de margens sanguineas, folgae, ides rejuvenescer, erguer-vos das cinzas, perante a tragica proposta d'um medico, proposta cruel como não ha memoria de ter sido, jámais, uma receita!

Uma senhora perguntava a um medico.

—Doutor, o que sabe a faculdade a respeito da minha doença e do seu tratamento?

—Minha senhora, o que a faculdade sabe, de positivo, a respeito da doença de V. Ex.\* é que se chama — *grippos* — em grego.

O dr. Thomaz a receitar para o escrofuloso ensino portuguez, está, segundo se vê, a fazer clinica de senhoras espevitadas.



Annuncia o dr. Alberto Das. umas secções publicas de magnetismo animal, de hypnotisação. A quem competir a intervenção, prevenimos, de que em outros paizes, as sessões publicas para exposiçào d'estes phenomenos tem sido prohibidas, como prejudiciaes e perigosas. São assumptos proprios de escolas, onde ninguém extranho se instrue e onde as imaginações vivas, os cerebros iracos, buscam muitas vezes o germen de desarranjos mentaes de manias, da loucura.

O charlatanismo entra sempre de mistura n'estas exhibições que tem exclusivamente por fim, a exploraçào do publico, levado pelo encanto facil do maravilhoso.

A pseudo-ciencia se devera ser banida das cadeiras das escolas, é absolutamente, intoleravel n'um palco a quinhentos réis por cabeça. Se ao menos fosse inofensiva,—se isto pode ser—podia permittir se. Perigosa não ha razão que a justifique; prohibase. Aviso os paes a que nao levem ahí suas filhas; a vista d'estes espectaculos, pode acarretar-lhes, a ellas, uma doença cruel, de difficil tratamento e rara cura.



Todos os jornaes portuguezes, fallam tecendo louvores e agradecimentos a maneira briosa com que a fidalga Hespanha, recebeu el-rei D. Luiz. Mas em todos os mesmos jornaes, se fere uma nota, para descanço dos burguezes assustadiços e das amas de leite. Essa nota, «muito catita», é do orgulho patrio, do sentimento ativo da independencia, do respeito profundo pelas opiniões politicas dos nossos heroicos maiores. N'isto faz a imprensa portugueza consistir um dos seus titulos de gloria. Poderá errar a donzella: mas ser traidora, á memoria de Pinto Ribeiro e dos trinta e nove companheiros. Oh! jámais!

—Bella e heroica Hespanha, obrigado pelos teus cuidados, pelas bichinhas-gatas que fizeste ao nosso rei; mas não penses que agradecendo os teus favores esquecemos Aljubarrota, que gratos ás tuas deferencias olvidamos um instante Montijo, Valverde. Montes Claros.

Isto diz a imprensa e entende que assim foi cortez e ativa, delicada e digna. Assim se liberta d'uma nodosa vil do iberismo que mancharia a sua tunica, se lá houvesse ainda logar para manchas novas. Amante da patria a imprensa portugueza como nenhum a outra!

Que lhe folheem as paginas. Ver-se-ha que não existe uma fidelidade nos seus artigos: que jámais defendeu interesses pessoaes. actos indecorosos, vilanias, abusos, roubos.

Ver-se-ha que o amor do paiz, exclusivamente, incita os seus apóstolos; e a que a dedicaçào pela verdade, pelo bem da patria, é o seu unico bem, a bandeira gloriosa sob que combate as rudes batalhas da vida. Oh! a ingenua!

A' mais bella, á mais fidalga, á mais briosa das nações, á grande entre as grandes, á cavalheirosa, á heroica Hespanha, a nossa velha irmã, pelas honras que nos prestou na pessoa d'El-Rei D. Luiz, a *Comedia Portugueza* saúda.

Viva a Hespanha!

## FOGOS FÁTUOS

Diccionario.

Chimerico. — Tudo o que seria justo, razoavel e generoso.

Apparencia. — Tende uma, salvae as outras. E' este o segredo da consideraçào.

(Gregoyre.)

Amor. — E' a aza que Deus deu á alma, para subir até elle.

(Miguel Angelo.)

Belleza. — Um bem para os outros.

(Bion.)





O sultão de Marrocos, Moula Assan, o belicoso e gentil sultão acaba de nos fazer recuar de trezentos annos na vida guerreira, com uma galanteria digna d'um filho do propheta e d'um habito de Christo. Só elle seria capaz de fazer que o sr. Barros Gomes apparecesse ao lado de Colbert e de Tayllerand, e de nos convencer, por instantes, que a bandeira das quinas, hasteada no mastro do Pimpão, em frente de Larache, causa ainda aquelle terror supersticioso que incutia, out'ora, desfraldada nas caravellas de Afonso de Albuquerque, á vista de Ormuz.

Que lisongeiro imperador!

Vejamos, no entanto, o homem que tivemos de humilhar: a figura da sua politica, para comprehender-mos toda a grandeza da diplomacia de Barros, toda a sublimidade tactica do Gomes.



E' natural que poucos conheçam a figura do imperador de Marrocos, o seu viver, o seu reino. Uns leves traços extrahidos de Gabriel Charmes, far-nos-hão conhecer o homem que nos ia precipitando, a nós burguezes de brandos costumes, nos azares das pejeas sangrentas; que ia, lembrando antigos prelios, arrojando de novo o estandarte das quinas contra o crescente pagão.

«E' um bom typo d'homem. Brillhante cavalleiro, tem dado muitas provas de bravura.

Ha alguns annos, tendo ido Ouchda conferenciar com um general francez, teve de abrir passagem, á ida e á volta, combatendo por entre as tribus que estão sob a sua auctoridade. N'um dos combates, levado pela coragem, morto o cavallo, esteve a ponto de ser morto. Appoiado contra um rochedo; com alguns soldados fieis, fez frente aos inimigos, até que um cahid lhe trouxe um cavallo em que se affastou. Tem corrido immensas vezes perigo de morte nas expedições ao sul do imperio, na Região dos Sous em que o seu dominio não é menos ficticio do que no Rif e na Moulouia.

Assim, a sua preocupação constante é o exercito; prevendo que só as tropas armadas e equipadas á européa poderiam tornar em validade o hypotetico imperio de Marrocos.

«Quando marcha, no meio do exercito, para ir d'uma cidade para outra, ou para fazer alguma expedição, o sultão conserva os habitos da vida quotidiana. Levanta o acampamento, tarde, sem receio do sol, sob cujos raios os marroquinos parecem viver melhor do que á sombra. As tendas destilam adeante. Os soldados formam uma longa ala, no meio da qual se colloca o sultão, seguido do estado maior e de algumas mulheres cuidadosamente occultas pelos véus. Deante d'elle caminha o mestre das ceremonias, depois um grupo de personagens trazendo os objectos de uso do sultão, ou alguns que lhe possam ser, por acaso, precisos. São: o «moul faz», encarregado de limpar os caminhos; o «moul chabir» mestre das esporas, que as leva na mão e que o imperalhe pede sempre que quer executar alguma preza hypica; com espanto da comitiva; o «moul zerbia» o mestre dos tapetes; o «moul stroumbia» mestre do coxim; o «moul belgha», o mestre das chinellas; que as calça ao imperador quando este quer mudar de calçado; o «moul el ma» o mestre da agua; o «moul el tai» mestre do chá, cujos nomes explicam as funcções.

Depois d'este grupo vem: o «moul medel» o homem do chapéu de sol e o «moul zifa», o enchota moscas.

O sultão entra sosinho, na tenda onde é recebido pelas mulheres do harem que o precederam e pelos ennuços que depois de o ajudar a apertar-se, o despem e preparam para o descanso.



Tal é o homem: um pandego descuidado, passeando os estados no meio das odaliscas, divertindo-se a atirar ao alvo e a domar cavallos.

O reino, um imperio hypotetico, governado por effigies d'uma finura tal, que creiem que não ha na Europa um cavalleiro como o imperadôr.

Comprehende-se em vista d'isto, que o nome de Barros Gomes alcançasse as eminencias, onde só costumam palmar as aguias e que a nação tenha resolvido cunhar uma medalha commemorativa tendo d'um lado a effigie do ministro e no reverso um sultão afflicto, de côcoras, debaixo d'um chapéu de sol.



Gosta muito da artilheria e elle proprio todos os dias se exercita atirando ao alvo.

O povo acha-o extraordinario e entende que deve ser superior a qualquer christão. Um dia Moula-Hassan montava um cavallo fozoso: o cavallo acuava, cambaleava-se, recusava marchar. O sultão fez signal ao «moul chabir» para lhe trazer as esporas e fixar-lh'as nas chinellas. O cavallo domado marchou. A multidão lançou gritos de acclamação de tal ordem como se o sultão acabasse de submeter uma tribu indomavel.

Que dizes a isto? exclamava para um francez, um alto funcionario que assistia á scena. Ha na Europa um cavalleiro que possa comparar-se com o sultão?



Quando correu em Portugal a nova de que um insulto fora feito a subditos portuguezes pelos marroquinos, a voz das supremas indignações agitou a penna dos jornalistas da opposição, e um doce sorriso pairou nas faces dos governantes. Os primeiros indignaram-se por officio. Realmente não era bonito soffrer-se uma desfeita e não se mostrar aos partidarios, que no arcabouço dos plunitivos existia tanta indignação, como zelo.

Exclamaram: senhores do governo, é a honra da patria, que-remos ver como vos sahis d'esta.

Estes riram, suavemente, como quem vê a questão resolvida e disseram em côro: Finjamos a coisa grave, demoremos o expediente... com o de Marrocos podemos nós.

E começaram a fingir diplomacias finas, depois entroviscadelas subitas, receios, hesitações, ares superiores, máus modos, modestias de superioridade, indicios de paciencia esgotada, e emfim resoluções altivas, imposições, ordens.

—E respondiam os governantes.

—Prudencia, senhores; estamos empregando todos os meios brandos, como manda a civilidade, entre pessoas bem creadas. Somos mais fortes, que se não diga que abusamos. O sultão ha-de dar a salva. Elle gosta de salvar. Se não der, então do ceu lhe venha o remedio, esmagamol-o. Os senhores parece que não sabem bem como nós somos n'estas questões de honra? Então as christandades da India...





Afinal chegaram á ameaçar. Os jornaes estrangeiros reproduziram as resoluções do gabinete. De Londres, de Paris, de Berlim os homens de guerra, assestaram para cá os binoculos.

A Inglaterra mandou offerecer um resto de peças que os carlistas não tinham comprado. Em França cantava-se pelas ruas:

Vont á Maroc  
les portuguais:  
sout toujours gais,  
sout toujours gais.

E diz-se qu El-Rei recebera um telegramma da Allemanha, pouco mais ou menos n'estes termos: Felizão, depois da viajata, guerra para distrahir. Bom successo. Vê se te mettes com Alger e chama-me. Até breve.

E pelos cafés ouvia-se:

—Então Portugal...?

—Furioso!

—E vai-se ás odaliscas do sultão?

—São favas contadas.

—Que os ministros dizem que são mansos, n'este sentido.

—Não tanto assim...

Um mais entendido:

Hum!

—O ministro dos negocios estrangeiros, não é para graças.

—Não, lá para graças é elle; mas só para aquellas que veem do Vaticano, porque para outras, é o que se chama um homem ás direitas. Tem olhos de basilisco!

—E o ministro da guerra então... Oh! n'esse não se falla: é um tigre de cabelo negro. Usa a corrente do relógio por cima da sobrecasaca.

—Sim! c'os demonios, em boa se metteu o marroquino.



E a Europa como se vê, assistia febricitante, muda de terror, no acre ante gozo, d'um castigo tremendo, que iria arrancar Moula Hassan aos colos das suas odaliscas, ás delicias do seu polygono, enquanto os instinctos bellicos, a bravura epica, rolandesca, dos nossos ministros, passava como uma corrente de sangue, atravez dos gabinetes ministeriaes, dos cafés de praça, por beccos e viellas.

Era grave a nossa responsabilidade; gravissima! Ou a bandeira portugueza era içada n'uma fortaleza marroquina e saudada com vinte e um tiros, ou ai do imperador, dos marroquinos, do marroquim e de todas as encadernações de pelle de cabra ou de bode! Felizmente tudo serenou: Moulán-Hassan mandou içar a bandeira. Diz-se que elle proprio descarregou doze vezes uma das peças e que estando n'essa manhã bem disposto exclamára: —é pena que não tenham exigido uma salva de cincoenta tiros!



No entanto cabe-me explicar porque devemos a Moula-Assan uma visita de cumprimento e um habito de Christo.

Como se vê, por Gabriel Charmes, o imperador de Marrocos é tanto imperador como eu. Não passa d'um chefe de tribu, vivendo um pouco em casa, um pouco sob as tendas, combatendo as tribus visinhas, com uma despreocupação, uma naturalidade, que lembra os tempos biblicos.

Depois do conflicto com Portugal, assim como se limitou a um passeio pequeno, o sultão podia muito bem agarrar no exercito, no homem dos chinellos, no homem das esporas, no enchota moscas, no chapéu de sol, e ir passeiar uns mezes pelos Ait Zedeg ou pelo Riff. Nós não havíamos de ficar toda a vida a gastar polvora, para mandar balas para Marrocos, sem que ninguem nos respondesse, e o sultão quando soubesse que tínhamos despejado a nossa colera n'uns quintaes de polvora e de carvão de pedra, voltaria novamente ao seu polygono, prompto para se safar, á primeira voz.

Tal seria, quanto a mim, a maneira simples que o filho do propheta, teria sempre á mão, para se rir do Pimpão, que cruzava com galhardia propria do nome as aguas do littoral africano.

Não o fez. Elle que tem troçado com os gabinetes de Inglaterra e de Franca, não ligando importancia alguma a reclamações, a pedidos, a imposições, escreveu particularmente ao sr. Barros Gomes pedindo-lhe desculpa e declarando-lhe que «as suas para com elle só á vista terão fim».



Medonha a catastrophe de Espozende. De vinte e cinco homens, que tripulavam um barco de pesca, apenas um deixou de ser atirado ao mar pela força do vento. Uctámos, conta o salvo pelo capitão do «Mercur», vapor allemão, todo o dia e toda a noite, vendo de meia em meia hora desaparecer um companheiro. Ao amanhecer eramos apenas seis!

O vapor appareceu ao longo: uma hora antes d'elle chegar, o ultimo golpe de mar deixou-me só! Horrible!

Se por ahí apparecer a espaventosa caridade official peçam-lhe meus senhores, alguma coisa para as familias d'estes pobres inundados... a valer.







Um collega verbera, justamente, o procedimento do jury dos exames de philosophia, para o professorado, com referencia á re-provação, em merito absoluto, d'um concorrente, que elle considera injusta e revoltante.

Quando pobres rapazes, atrazavam de quatro e cinco annos os seus cursos e até de sete, que os houve, pelo encarniçamento brutal d'uns philosophos de meia tijella, em espiolhações de definições mais óccas do que as caixas das respectivas mioleiras, ninguem se levantou a perguntar a esses homens se tantos reprovados o eram por ignorancia real, pela difficuldade da sciencia, ou pelas exigencias comicas dos examinadores:

se as reprovações successivas, incompreensíveis perante a intelligencia provada dos examinados em outras materias, não eram antes filhas de luctas professoraes, de rivalidades, odios e despeitos entre examinadores, que se vingavam da superioridade de Spencer e de Comte, reprovando os miseros que não digeriam Alves de Souza ou não conheciam os partos manuscriptos d'estes Kant de cavalinho.

Ninguem protestou; pelo contrario, o professor tinha na sua fama de temível, a certa nomeação do anno seguinte.

Diziam-lhe no ministerio do reino: Não os poupe, hein? Temos cá philosophos e doutores, de sobra.

Esta raça que já Heine dizia que era mal vista no ceu, não parece ser olhada em Portugal, por olhos ministeriaes, com mais amor.

Tinha razão o ministerio do Reino.

O philosopho portuguez é uma planta a quem a luz quente do sol mela e emurchece. So os paizes frios teem o condão de os criar possantes e fructificadores.

Elles nascem pr'a abi—os philosophos—cheios de frescura e "pose"; enquanto é sombra, na modestia cariciativa dos desconhecidos, lá vão indo, creando raizes de fama por lojas de mercearia e casas particulares; mas logo que se exhibem descahem em poetas, nubelosos, enygmaticos, metaphisicos, de modo que ao lél-os e ouvil os a gente fica perplexa, sem perceber se o que elles dizem é a asneira da philosophia, ou a philosophia da asneira.

Não inventamos: Um dos nossos maiores pensadores, um sabio temível, um Attila dos philosophinhos do lyceu, verdadeiros innocentes com o canivete d'este Herodes suspenso sobre a cabeça, perguntou a um examinando:— diga-me o que é analyse e o que é synthese.

O rapaz definiu, não como elle queria.

—Dê-me antes um exemplo, suggeriu o grave juiz.

O rapaz embuchou.

—Nada mais simples; explicou: o senhor tem uma melancia, cala-a para ver se é boa ou má e... fez uma analyse! O senhor reconheceu-lhe a qualidade, mette o calo no seu logar e fez... uma synthese. (Textual). O rapaz sahi reprovado. Depois d'isto está a gente a lembrar-se, insensivelmente, d'um bolo de estri-chiúina.

Tinha razão o ministerio do reino e ainda bem que o collega despertou.

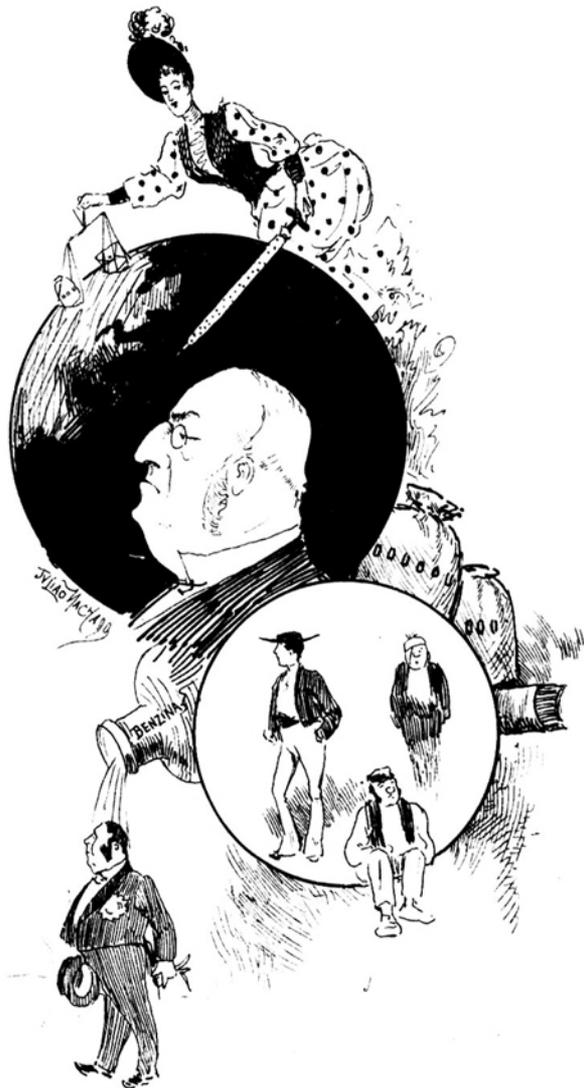


Abriu-se o concurso para a construcção do Palacio da Justiça. A Bóa Hora estava tão vergonhosa que os proprios malandros tinham nojo de lá entrar. Andam em maré de sorte: Cadeia nova e tribunaes novos.

Se não fosse indiscripção nós pediamos ainda para os ditos senhores... uma nova justiça.

Hein? E' que francamente a que lá se faz, em grande numero de casos, não fica a dever nada em immundicie aos amphitheatros de pinho da terra e ás mezas dos escrivães.

Se for possível...



D'antes na Bóa Hora os juizes mandavam jurar, espalmando a mão sobre os evangelhos.

Um juiz novo manda beijar a pagina.

Achamos curiosa a forma e prevenimos o meritissimo juiz de que não é bom forçar as applicações dos livros santos.

Callemos a ousadia, já velha, com o governo actual expectora leis, com o parlamento fechado. Não vale abusar tanto, amigos. Que demonio! é preciso respeitar, ao menos uma vez, a opinião e a consciencia alheia. Não se fazem codigos, em segredo, entre amigos, á banca do trabalho; como não se reforma a instrucção d'um paiz, por desfastio, assim como quem fuma um charuto, ou toma uma chavena de café. O que quer dizer a Reforma da instrucção secundaria do sr. ministro do reino? O quê, senão, apenas, um regulamento novo, attentatorio de direitos adquiridos, sem uma base scientifica, sem uma utilidade frizante, sem um largo ponto de vista pedagogico! Uma contradaença em que permanecem os mesmos methodos, os mesmos processos educativos, os mesmos erros fundamentaes e em que apenas se deslocam, cruzam e torneiam as horas das aulas, os numeros das cadeiras e os bigodes dos mestres.

E' isto, no fundo; e tanto que um jornal defensor da reforma, encontra como argumentos de primeira força, para seguir o côro dos evohés, em honra do reformador: a sua boa vontade, e a applicação ao ensino de um systema de simplificação e de economia!

Ora francamente isto não é uma bandeira de gloria, é uma ta boleta de casa de pasto!



Um collega da provincia dá o seguinte remedio para a hydrophobia:

Lançam-se tres gemmas de ovo em uma caçarola de barro vidrada, e juntam-se-lhes 76 grammas de azeite de oliveirs, colloca-se a caçarola sobre um lume branco e meche-se a mistura com uma espatula de aço, ou que o contenha, até ficar na consistencia de uma papa delgada.

Retira-se então do lume, deixa-se esfriar e toma-se, a porção toda, em jejum, não se podendo comer sem passarem 6 horas.

Éra mais simples dizer: estrelle tres ovos... a hespanhola e coma-os.

*Sans rancune*



Todos conhecem o brilhante baritono que cantou o Fausto, no Porto, em recita de amadores, em beneficio da viuva e filhos de Marques Pinto.

Nós que nenhuma surpresa tivermos ao lêr os elogios feitos á sua bella voz, pasmámos ante a discripção da sua elegancia.

O Porto é extraordinariamente amavel com a elegancia dos barytonos.

Nós conhecemol o assim:



Acaso as vestes de Valentim o transformariam a apresentar estas formas? :



Se assim é aconselhamos-lhe a que depois de cantar o Fausto... se não dispa.



